

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: A
IMPLANTAÇÃO DO *CAMPUS* NOVO PARAÍSO DO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RORAIMA

ANTONIO EVALDO SOARES

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: A IMPLANTAÇÃO
DO CAMPUS NOVO PARAÍSO DO INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RORAIMA**

ANTONIO EVALDO SOARES
Sob a Orientação da Professora
Dra. Rosa Cristina Monteiro

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação** no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, na área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Novembro de 2018**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S676e SOARES, ANTONIO EVALDO , 1971-
EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: A IMPLANTAÇÃO DO
CAMPUS NOVO PARAÍSO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RORAIMA / ANTONIO EVALDO
SOARES. - 2018.
86 f. : il.

Orientadora: Rosa Cristina Monteiro .
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2018.

1. ensino. 2. arranjos produtivos locais. 3.
fotografias. 4. evolução social. I. Monteiro , Rosa
Cristina , 1955-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

ANTONIO EVALDO SOARES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/11/2018

Rosa Cristina Monteiro, Dra. UFRRJ

Gabriel de Araujo Santos, Dr. UFRRJ

Edvaldo Pereira da Silva, Dr. IFRR

DEDICATÓRIA

A Deus, que criou os Céus e a Terra e tudo o que neles há;

A Neuraci de Lima Soares, minha amada esposa, que soube, com sabedoria, compreender-me nos momentos de minha ausência;

A meu querido filho, Lucas de Lima Soares, por entender minha ausência nos passeios e nas atividades inerentes a um pai que sempre esteve presente, acompanhando o seu crescimento;

In memoriam – A meu pai, Elias Joaquim dos Santos, que, pela força do trabalho, criou nove filhos e orientou-os sobre o valor do caráter e da honestidade;

In memoriam – A minha mãe, Albertina Rosalina Silva, pela singeleza de mulher e amor desmedido. Ela entendia, com um simples olhar, a necessidade de cada filho;

In memoriam – A Antonio Soares, meu irmão primogênito, companheiro e amigo de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Chegar a um momento como este nos faz refletir sobre mais uma jornada cumprida na vida. Esse sentimento de vitória é confortante e, ao mesmo tempo, gratificante, pois olhamos para traz e lembramos que não fizemos nada sozinhos.

Ao cruzarmos a linha de chegada de nossas realizações, reconhecer que existiram outras pessoas envolvidas conosco ao longo da jornada e que, portanto, a nossa conquista não é completamente nossa nos leva a crescer como seres humanos. A egolatria desaparece.

É por essa razão que gostaria, com a mais singela humildade, de externar meus sinceros agradecimentos:

A Deus, Criador dos Céus e da Terra e de tudo o que neles há, que me concedeu a graça de chegar até aqui;

A Neuraci de Lima Soares, minha amada esposa, que soube, com sabedoria, compreender-me nos momentos de minha ausência;

A meu querido filho, Lucas de Lima Soares, por entender os momentos de minha ausência nos passeios e nas atividades que sempre realizamos juntos;

A meus irmãos, que sempre vibram com tudo o que faço. Esta conquista não é só minha – é de vocês também;

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), que me deu a oportunidade de concretizar este sonho;

Ao *Campus* Novo Paraíso do IFRR, por ter aberto as portas para que a pesquisa fosse realizada sem nenhum embaraço;

Aos *Campi* Boa Vista e Amajari do IFRR, por terem recebido a turma de mestrandos nas semanas de formação;

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), por ter recebido a mim e a meus colegas como acadêmicos de mestrado;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA), por ter proporcionado tamanho conhecimento no período de dois anos de curso, que foi marcante em minha vida tanto pelo aprendizado quanto pelo convívio com os professores e os colegas de turma;

À Indústria Beneficiadora de Arroz Faccio;

À Fazenda Santa Luzia;

Ao empresário Rodolfo Pereira;

A Miguel Felix de Araújo Júnior, tradutor do abstract;

Ao pecuarista Leonildo Laia, por ter recebido a nossa turma de mestrados em sua propriedade rural;

À Indústria de Dendê Bio Fuels, localizada no Município de Caroebe, por ter permitido uma visita técnica às suas plantações;

Aos colegas de trabalho, pela compreensão durante minhas ausências e pelo reconhecimento da importância da qualificação pessoal e profissional, além da necessidade de estarmos sempre aprendendo para superar os desafios;

Aos professores, mestres e doutores da UFRRJ Argemiro Sanavria, Antonio Carlos de Souza Abboud, Andrea Sonia Berenblum, Allan Rocha Damasceno, Gabriel de Araújo Santos, João Batista Rodrigues de Abreu, José Roberto Linhares de Mattos, Nedda Garcia Rosa Muzuguchi, Sandra Regina Gregorio, Silvia Maria Melo Gonçalves, Tiago Badre Marino, Wanderley da Silva, bem como à minha orientadora, doutora Rosa Cristina Monteiro, os quais, ao longo do processo de formação, dividiram comigo e com meus colegas seus conhecimentos, apontando-nos caminhos – sem esquecer os meus professores do ensino básico e da graduação;

Aos colegas da turma 2016.2 do IFRR/PPGEA/UFRRJ, companheiros de estudo, de alegrias, mas também de tristeza, haja vista a partida inesperada do nosso colega Raimundo Nonato Chacon, que deixou marcas profundas em nossa trajetória: Ada Raquel da Fonseca Vasconcelos, Aldaires Aires da Silva Lima, Aldenor Araújo da Silva, Dérica Karoly Evarisrta Almeida, Enilza Rosas de Silva, Francimeire Sales de Souza, Gaspar Osório Henriques, Gisela Hahn Rosseti, Joelma Fernandes de Oliveira, José Gomes da Silva, Larissa Jussara Leite de Santana, Luana Firmino Lobo, Lucas Correia Lima, Marcele Marília Costa de Brito, Maria da Natividade Alves de Oliveira, Maria do Perpétuo Socorro Pereira Silva, Maria Leilza Pires, Maricélia Carvalho Moreira Leite, Marta Silva Souza, Paulo Alves Moreira, Tânia Maria Cláudio, Tatiana Pereira Sodré, Thays Cristine Soares de Carvalho, Willams Lopes Pereira, Willian Jônatas Vidal Coutinho, Wilma Moraes e Yany Duarte Costa;

Ao professor e amigo Emanuel Moura e ao grupo gestores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, pela oportunidade de realizar este mestrado

por meio do convênio celebrado com a UFRRJ, cujo investimento me possibilitou não adiar a realização da meta traçada;

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização do mestrado, em especial à professora doutora Rosa Cristina Monteiro, minha orientadora, pela confiança, pela compreensão, pela franqueza e pela sabedoria.

BIOGRAFIA

Antonio Evaldo Soares nasceu na cidade interiorana de Parambu (CE), no dia 31 de dezembro de 1971. É de família humilde; filho de um agricultor do sertão nordestino do Brasil. Apesar dos percalços do contexto sociocultural, teve uma infância feliz junto da família. Sua maior aflição, porém, nessa fase da vida, era não ter a oportunidade de estudar. Na comunidade onde viveu até os 11 anos, não havia escola.

A vida no sertão nordestino não é fácil, especialmente para uma criança. Até os 11 anos, ele só conhecia a realidade seca e árida da região. Apesar disso, sua família mantinha um padrão de vida que possibilitava uma alimentação equilibrada para todos os membros. Viviam da criação de animais de pequeno porte e do plantio de cereais básicos como arroz, feijão e milho.

Em 1982, os pais decidiram deixar o Nordeste e mudar-se para Boa Vista, capital do Estado de Roraima, no extremo norte do Brasil. A partir de então, iniciou-se uma nova fase para a família, um período de grandes desafios, mas também de grandes vitórias. Antonio, no novo estado, conseguiu concretizar muitos dos sonhos de infância, por exemplo, estudar, ingressar em uma faculdade, constituir família e alcançar êxito na vida profissional.

A mudança para Boa Vista ocorreu em resposta a um convite do irmão mais velho, que já morava em Roraima havia anos. Essa decisão alterou a história da família e a de Antonio, em especial. Ele conseguiu, aos 11 anos, entrar pela primeira vez em uma sala de aula.

Mas, como a sobrevivência de uma família de baixa renda de nordestinos e sem formação acadêmica era, e continua sendo, muito difícil, todos precisaram trabalhar. A olaria foi a primeira experiência profissional de Antonio. Nessa época, ele já estava com 12 anos.

Mas o que faltava em recursos financeiros para a manutenção da família sobrava em carinho e ensinamentos para a formação do caráter. Esse era o legado que o pai, Elias Joaquim dos Santos, deixava aos filhos. Assim, a base da formação de Antonio foi a experiência de uma vida difícil, mas também de conceitos de integridade, responsabilidade, respeito e solidariedade, que leva consigo.

Antonio é casado, tem um filho de 14 anos, e o aconchego da família continua sendo a base de sua vida.

Ao longo da vida, sempre enfrentou grandes desafios, mas, com determinação, trabalho e fé, tem alcançado vitórias significativas.

Como já foi relatado, ele iniciou a vida estudantil aos 11 anos de idade, assim que chegou a Roraima, na Escola Estadual Maria das Dores Brasil, no Bairro 13 de Setembro. Nesse estabelecimento de ensino público, cursou da 1ª à 5ª série do ensino fundamental. Foi um período difícil e desafiador, pois, além de enfrentar o preconceito por ser o aluno mais velho da turma, tinha dificuldade de acompanhar os conteúdos, seja por ter ingressado tardiamente na escola, seja pela falta de tempo para as atividades extraclasse, uma vez que trabalhava para ajudar no sustento da família.

No entanto, com muito esforço e dedicação, foi suplantando cada obstáculo e fortalecendo-se, na certeza de que realizaria o sonho de ingressar numa universidade. Foi o primeiro da família a alcançar essa façanha.

Na primeira escola, viveu momentos especiais como aprender a ler e escrever. Com o auxílio dos professores, sempre dedicados e atenciosos, foi vencendo cada desafio e integrando-se à turma. Assim, a vida escolar se tornava cada vez mais envolvente.

Iniciou o ensino médio na Escola Estadual Gonçalves Dias, mas não conseguiu finalizar o curso devido à necessidade de trabalhar. Estudava à noite, mas, mesmo assim, as viagens a trabalho o faziam faltar a muita aula, a ponto de não conseguir mais acompanhar os conteúdos, o que o forçou a abandonar a escola. Mas logo voltou a estudar, desta vez pelo sistema supletivo, na Escola Estadual Buritis, onde concluiu o ensino médio.

A vida acadêmica teve início em 2002, quando ingressou na Universidade Federal de Roraima (UFRR), no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Foi realmente uma vitória. Era o primeiro membro da minha família a ingressar em uma instituição de ensino superior. Os desafios foram muitos, mas a vontade de vencer sobressaiu. Portanto, apesar dos percalços, conseguiu concluir o curso.

Mais tarde, visualizou um novo desafio: a pós-graduação. Em 2015, concluiu o curso de Gestão Pública. Nesse período, dedicou-se à busca de conhecimento específico dessa área, por meio de literatura de apoio, capacitações e prática da teoria absorvida.

Agora deu um salto maior na formação acadêmica: concluiu o Mestrado em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA).

Já sua vida profissional teve início muito cedo, em uma olaria próxima ao bairro onde morava com a família. Era um trabalho árduo, duro e muito difícil para ser

desenvolvido por uma criança, mas a necessidade o forçou a ter garra e determinação para continuar a luta pela sobrevivência.

Mais tarde, aos 16 anos de idade, teve a oportunidade de ingressar em outra área profissional. Foi trabalhar como soldador em uma serralheria no bairro onde morava. Devido ao ciclo do ouro em Roraima, o trabalho de soldador, à época, era muito próspero, haja vista a necessidade de confeccionar balsas para o trabalho nos garimpos da região. Nessa profissão, trabalhou até os 18 anos, quando iniciou uma nova fase profissional.

Em 1990, surgiu uma vaga de motorista na TV Roraima – retransmissora da Rede Globo no estado. Foi admitido pela empresa. Esse foi o início de uma longa história de 23 anos de serviços prestados à emissora.

Em 1993, a empresa necessitou de um auxiliar de cinegrafista, e ele se candidatou ao cargo, passando a acumular as funções de motorista e auxiliar de cinegrafista. Logo em seguida, surgiu uma nova vaga, desta vez de cinegrafista, e, mesmo sem a formação regular necessária, mas já com alguma prática, devido à experiência adquirida, foi aceito na função, a qual exerceu até 2014, quando ingressou, por meio de concurso público, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, no cargo de técnico em audiovisual. No IFRR, lotado na assessoria de comunicação social, assumiu a função de coordenador do setor por quase três anos.

RESUMO

SOARES, Antonio Evaldo. **Educação para o desenvolvimento regional: a implantação do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima**. Seropédica: UFRRJ, 2018, 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Este trabalho teve como objetivo investigar, por meio de pesquisa exploratória e qualitativa, se o ensino ofertado pelo *Campus* Novo Paraíso (CNP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), localizado na região sul do estado, valoriza o contexto social, cultural, geográfico e econômico de seu público-alvo, como preceitua a lei de criação dos institutos federais. A pesquisa focou a vida social e profissional dos alunos das primeiras turmas do *campus* após uma década de funcionamento. A princípio, estudou-se a História da Educação Profissional, Científica e Tecnológica no Brasil, desde sua origem até sua chegada ao antigo Território Federal de Roraima, verificando as mudanças de nomenclatura sofridas pela instituição, implementadas pela Rede Federal, e seu processo de expansão, que culminou com a implantação da Unidade de Ensino Descentralizada (Uned) de Novo Paraíso, hoje *campus*. Depois, investigou-se o processo de desenvolvimento da unidade de ensino. E, por fim, analisou-se sua evolução ao longo de dez anos e os reflexos sociais e econômicos do ensino ofertado nesse período. Os resultados demonstraram que o ensino ofertado pelo CNP leva em consideração os arranjos produtivos locais e promove o desenvolvimento social e econômico tanto de seus egressos quanto das comunidades do entorno, contribuindo para a permanência dos habitantes na região.

Palavras-chave: ensino, arranjos produtivos locais, fotografias, evolução social.

ABSTRACT

SOARES, Antonio Evaldo. **Education for the regional development: the implantation of *Campus Novo Paraíso* of the Federal Institute of Vocational, Scientific and Technological Education of Roraima**. Seropédica: UFRRJ, 2018, 86p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018.

The objective of this study was to investigate, by means of an exploratory and qualitative research, whether the teaching offered by *Campus Novo Paraíso* (CNP) of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Roraima (IFRR), located in the southern region of the State, in fact valorizes the social, cultural, geographic and economic context of its target audience, as required by the law of creation of the Federal Institutes in Brazil. This work focused on the social and professional subjectivity of the pioneer students of that *Campus* after a decade of its operation. At first, the History of Professional, Scientific and Technological Education in Brazil was revisited, from its origins until its arrival in the old Federal Territory of Roraima, verifying the nomenclature changes undergone by the institution, implemented by the current Federal Network, and its expansion process, which culminated in the implantation of *Uned de Novo Paraíso*, now *Campus*. Following, the process of development of the Unit was investigated. And, finally, its evolution was analyzed over ten years and the reflexes of the teaching offered in that period. The results showed that the education offered by CNP takes into account the local productive arrangements and promotes the social and economic development of both its graduates and the surrounding communities, contributing to the permanence of its inhabitants in that region.

Key words: teaching, local productive arrangements, photographs, social evolution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Geral do Estado de Roraima	2
Figura 2 – Mapa das Escolas de Aprendizes e Artífices	5
Figura 3 – Logomarca da Escola Técnica Federal de Roraima (ETFRR).....	7
Figura 4 – Logomarca do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (Cefet-RR).8	
Figura 5 – Mapa da Rede Federal da Educação Profissional, Científica e Tecnológica.....	8
Figura 6 – Logomarca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).....	9
Figura 7 – Mapa da Vila Novo Paraíso e localização da Uned	10
Figura 8 – Local de implantação da Uned de Novo Paraíso	11
Figura 9 – Professor Edvaldo Pereira no local de implantação da Uned de Novo Paraíso.....	12
Figura 10 – Canteiro de obra da Uned de Novo Paraíso	13
Figura 11 – Primeira fase da obra da Uned de Novo Paraíso concluída	14
Figura 12 – Primeiros alunos da Uned de Novo Paraíso.....	14
Figura 13 – Restaurante da Uned de Novo Paraíso.....	15
Figura 14 – Mapa da Região Sul de Roraima.....	15
Figura 15 – Visita da equipe de implantação da Uned de Novo Paraíso a propriedade localizada em vicinal de município da região sul de Roraima	17
Figura 16 – Pecuária, uma das atividades mais propícias para a região sul de Roraima	17
Figura 17 – Audiência pública realizada pela equipe de implantação da Uned de Novo Paraíso em comunidade da região sul de Roraima.....	18
Figura 18 – Momento em que a população ouvia, em audiência pública, as propostas para a implantação da Uned na região sul de Roraima	18
Figura 19 – Alunos chegando à Uned de Novo Paraíso para o início das aulas	19
Figura 20 – Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso	28
Figura 21 – Construção da área de convivência da Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso	28
Figura 22 – BR-174 (rodovia de acesso à região sul de Roraima).....	29
Figura 23 – Plantação de dendê, no Município de Baliza, onde, no momento da pesquisa, trabalhavam técnicos formados pelo CNP	30
Figura 24 – Plantação de dendê, no Município de Baliza, onde, por ocasião da pesquisa, trabalhavam técnicos formados pelo CNP	30
Figura 25 – Rodovia de acesso à Vila Félix Pinto, no Município do Cantá.....	31
Figura 26 – Região do entorno do CNP	32
Gráfico 2 – Forma de Ingresso no Campus	35
Figura 27 – Antiga casa da mãe do egresso classificado em primeiro lugar no mestrado do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa).....	43
Figura 28 – Mutirão em família para a reconstrução da casa da mãe do egresso mestrando do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa).....	44
Figura 29 – Egresso realizando o extrativismo do açaí para custear o transporte para o Campus Novo Paraíso	44
Figura 30 – Mãe e irmã do egresso extraíndo, de forma artesanal, a poupa do açaí para comercialização	45

Figura 31 – Egresso, quando criança, tomando banho de chuveiro improvisado no quintal de casa	46
Figura 32 – Egresso, já adulto, formado e concursado, na frente do escritório da Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima, seu local de trabalho à época da pesquisa	46
Figura 33 – Aula prática de campo, preparação de solo para plantação experimental do curso Técnico em Agricultura	47
Figura 34 – Colheita da melancia, resultado das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura	47
Figura 35 – Exposição de melão, duas cultivares diferentes, resultado prático das atividades do curso Técnico em Agricultura	48
Figura 36 – Exposição para convidados e comunidade, seguida de degustação no dia da colheita	48
Figura 37 – Mostra dos resultados das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura.....	49
Figura 38 – Mostra dos resultados das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura com a cultura e a produção de milho	49
Figura 39 – Egresso orientando equipe no plantio de mudas de dendê no campo de produção da Indústria de Biocombustíveis Biofuelles, local onde, por ocasião da pesquisa, trabalhava como chefe de equipe de campo.....	50
Figura 40 – Placa de publicidade, na entrada do Campus Novo Paraíso, fazendo referência às comemorações alusivas aos 10 anos de implantação da unidade de ensino.....	51
Figura 41 – Layout em madeira doada pela Ibama ao CNP.....	51
Figura 42 – Lenha ecológica (pesquisa desenvolvida no CNP).....	52
Figura 43 – Lenha ecológica (pesquisa desenvolvida no CNP) à base de serragem, palha de arroz ou outro resíduo misturado a uma resina vegetal para formação do briquete	52
Figura 44 – Atividade de vacinação contra a febre aftosa realizada em comunidade indígena da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol sob a coordenação de egressa do CNP e servidora da Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr).....	54
Figura 45 – Atividade de vacinação contra a febre aftosa realizada em comunidade indígena da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol sob a coordenação de egressa do CNP	54
Figura 46 – Casa de taipa coberta com palha de buriti, realidade das moradias nas vicinais da região sul de Roraima antes da implantação do CNP.....	55
Figura 47 – Casa de madeira coberta com telha de fibra no Município de Caroebe, estilo de moradia que começa a mudar nas vilas e nas vicinais.....	55
Figura 48 – Primeiros candidatos chegando ao CNP para realizar as provas do vestibular do curso de Bacharelado de Agronomia.....	59
Figura 49 – Candidatos realizando as provas do primeiro vestibular do Bacharelado de Agronomia do CNP	59
Figura 50 – Reitora do IFRR dando as boas-vindas aos acadêmicos do primeiro curso superior do CNP (Bacharelado em Agronomia)	60
Figura 51 – Aula Magna na biblioteca do CNP com os primeiros acadêmicos do curso de Agronomia da unidade.....	60
Figura 52 – Egresso do ensino médio técnico do CNP aprovado no primeiro vestibular de Agronomia da unidade de ensino	61
Figura 53 – Plantio de uma maçaranduba, árvore símbolo da turma pioneira do curso superior de Agronomia do Campus Novo Paraíso	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ingresso no Instituto	34
Gráfico 3 – Cursos Ofertados	35
Gráfico 4 – Perspectiva Escolar.....	36
Gráfico 5 – Perspectiva após o Curso.....	36
Gráfico 6 – Conhecimento e Melhoria de Vida.....	37
Gráfico 7 – Contribuição para o Desenvolvimento Local	37
Gráfico 8 – Melhoria na Condição Social	38
Gráfico 9 – Melhoria de Vida da Comunidade.....	38
Gráfico 10 – Qualidade do Ensino Ofertado pelo Campus	39
Gráfico 11 – Apoio da Comunidade.....	39
Gráfico 12 – Continuidade dos Estudos	40
Gráfico 13 – Atual Área de Trabalho dos Ex-Alunos	40
Gráfico 14 – Melhora dos Arranjos Produtivos Locais	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aderr – Agência de Defesa Agropecuária de Roraima

Audin – Auditoria Interna

Cefet-RR – Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima

CGPTERR – Centro de Geotecnologia, Cartografia e Planejamento Territorial

CGU – Controladoria-Geral da União

CNP – *Campus* Novo Paraíso

ETFRR – Escola Técnica Federal de Roraima

IFs – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

IFRR – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima

Inpa – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia

ISER – Instituto Superior de Educação de Roraima

Libras – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

NP – Novo Paraíso

PA – Pedagogia da Alternância

PNAE – Programa Nacional de Assistência Estudantil

PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola em Educação Agrícola

Proeja – Programa de Educação de Jovens e Adultos

RR – Roraima

Setec – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCU – Tribunal de Contas da União

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Uned – Unidade de Ensino Descentralizada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CONTEXTUALIZAÇÃO, FOTOGRAFIA E PESQUISA.....	3
1.1 Relato Histórico da Educação Profissional no Brasil e em Roraima.....	3
1.2 Educação Profissional em Roraima	6
1.3 Implantação da Uned em Novo Paraíso.....	10
1.4 Repensar a História de uma Região pela Educação.....	16
1.5 Pedagogia da Alternância, uma Alternativa Democrática para a Região Sul de Roraima.....	20
1.6 Técnico em Agricultura Integrado ao Ensino Médio.....	21
2 PROPOSTA METODOLÓGICA – METODOLOGIA	23
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
3.1 Perfil dos Alunos em Estudo	33
3.2 Caracterização da Pesquisa de Campo.....	33
3.3 Análise dos Dados	34
3.4 Resultados e Realidades.....	42
4 CONCLUSÕES	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
7 ANEXOS	66
Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP	67
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	71
Anexo C – Roteiro de Entrevistas do Projeto	72
8 Apêndice.....	73
Apêndice A – Roteiro de Entrevistas da Pesquisa.....	74

INTRODUÇÃO

A educação continua sendo a grande fonte geradora de oportunidades para a sociedade brasileira. O Brasil ainda é um país não conhecido por inteiro devido às suas dimensões geográficas. Quanto mais distantes dos grandes centros urbanos as populações se encontram, mais os problemas aumentam, seja na saúde, seja na segurança, seja na educação, principalmente. Essa situação já foi pior, mas hoje, por causa do avanço tecnológico, os meios de comunicação fazem pressão sobre os governos federal, estaduais e municipais para que políticas públicas cheguem também às localidades mais afastadas dos grandes centros urbanos, oferecendo oportunidade para a população ali residente.

De todas as áreas, a que mais avançou nos últimos anos foi a educacional. Os lugares mais remotos do País estão sendo alcançados com ensino de qualidade. A Lei 11.892/08, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, promovendo a expansão deles e de seus *campi*, é um exemplo do esforço empreendido para o alcance dessa conquista.

Essa lei tem como meta valorizar e desenvolver, com foco nos arranjos produtivos locais, as regiões e/ou as localidades onde as unidades descentralizadas são instaladas, promovendo a capacitação dos jovens e das famílias do entorno para a fixação e a permanência em suas propriedades, tendo em vista a produtividade, a geração de renda e, conseqüentemente, a melhoria das condições de vida dos agricultores e dos moradores das vilas e dos municípios alcançados.

Realizar o presente estudo evocando a atividade profissional de egressos do curso Técnico em Agricultura do *Campus* Novo Paraíso (CNP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), por meio de fotografias, documentos, entrevistas e depoimentos, foi um grande desafio do início ao fim. Como iria desenvolver-se a partir do projeto inicial, o empreendimento começou a ganhar forma quando ocorreu uma visita do pesquisador ao *Campus* Novo Paraíso, *locus* da pesquisa, junto com sua orientadora, professora doutora Rosa Cristina Monteiro, em 23 de abril de 2017.

Com foco nas atividades desempenhadas pelos egressos, começou-se a proceder a uma reflexão sobre a trajetória deles mediante observação das mudanças ocorridas em suas vidas depois da passagem pelo *Campus* Novo Paraíso, bem como das transformações sociais sofridas pelas localidades onde, à época da pesquisa, estavam residindo ou trabalhando. Nessa primeira fase, foram reunidas fotografias do acervo pessoal dos ex-alunos para serem analisadas à luz dos seus relatos sobre os cursos e as mudanças decorrentes destes.

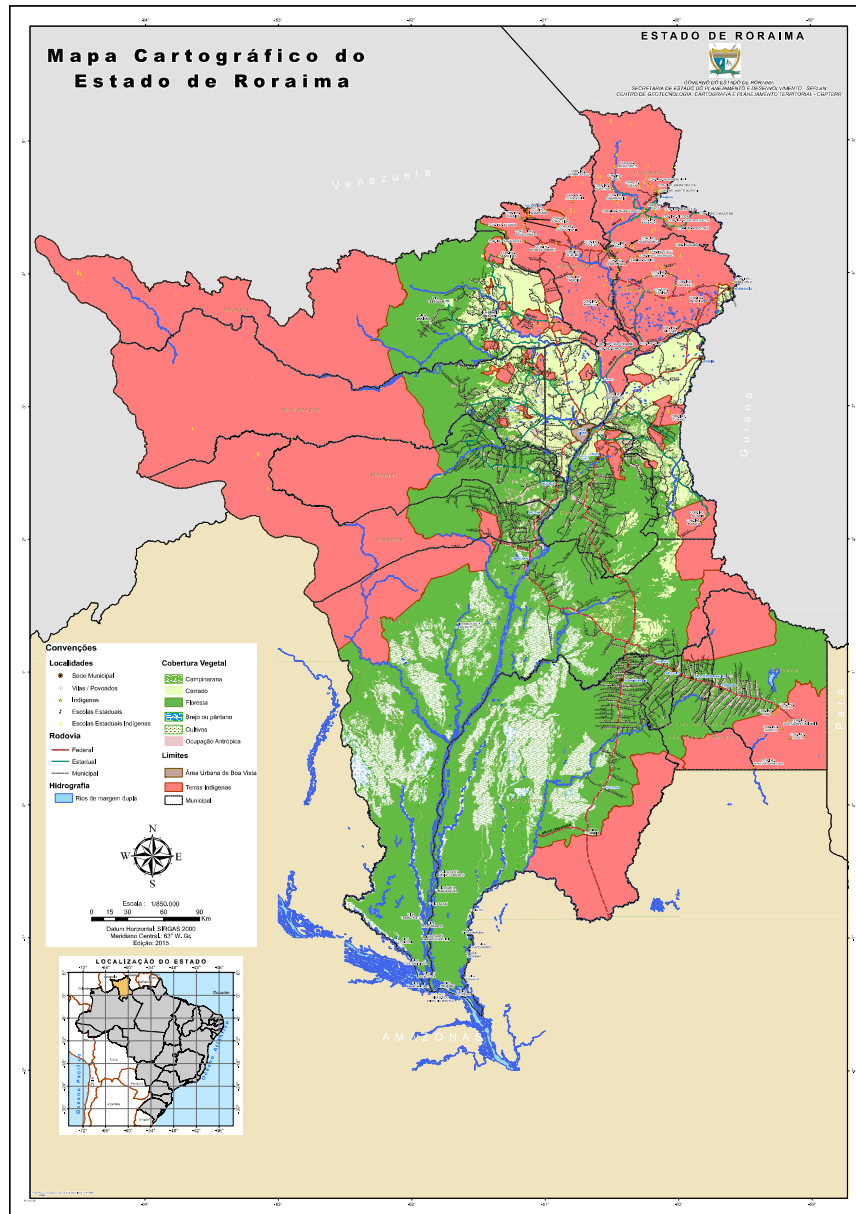


Figura 1– Mapa Geral do Estado de Roraima

Fonte: Seplan

1 CONTEXTUALIZAÇÃO, FOTOGRAFIA E PESQUISA

A imaginação permite formar, na mente, as mais variadas formas de imagens. Muitas vezes, o ser humano se expressa por meio delas. Isso ocorre quando se consegue transferi-las para uma determinada superfície – parede de uma caverna, rocha, pergaminho, tecido, papel, tela e até a própria pele. Hoje, com o advento tecnológico da realidade aumentada, não é mais necessária uma superfície para se visualizar uma imagem. Ela está no *ciberespaço*. Não se vê o objeto ou a imagem diretamente pelos olhos, mas por meio de *smartphones* ou de outros equipamentos compatíveis com essa tecnologia.

Pereira (2014, p. 5) afirma que as primeiras civilizações se expressaram por meio de imagens:

A imagem é anterior à escrita. A imagem representa a primeira linguagem de nossa civilização. A primeira mensagem que uma geração de homens deixou registrada para a geração seguinte foi em forma de imagem: desenhos obtidos através da aplicação de pigmentos vegetais nas rochas ou através de atrito entre rochas de tonalidades diferentes. A narrativa de caçadas construída visualmente de maneira sequencial, animais em grupos sendo espreitados por caçadores, rituais provavelmente religiosos e vários símbolos a respeito dos quais pouco se conseguiu deduzir. A única coisa inquestionável nesse fato é que se trata de imagens. Imagens que buscaram construir uma narrativa, transferir costumes, ensinar técnicas, representar a protossociedade que estava lentamente se constituindo.

Como se pode observar, os primeiros registros das experiências humanas, na forma de linguagem comunicativa e expressiva, não foram textos escritos, mas imagens. Além desse tipo de linguagem, uma das mais belas formas de expressão existentes é a música, cujo registro se faz por meio de partituras. Outras duas ferramentas muito importantes de inclusão social, que se manifestam também por meio de linguagem não verbal, são a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o Braille.

Haja vista esses relevantes princípios históricos, além da força que a imagem carrega, permitindo a leitura e a interpretação da realidade das mais variadas formas, empreender a pesquisa mediante análise fotográfica da comunidade escolar e de seus aspectos sociais, depois da conclusão dos primeiros cursos no *Campus* Novo Paraíso do IFRR, foi muito desafiador tanto para os pesquisados quanto para o pesquisador.

A implantação do *Campus* Novo Paraíso na região sul de Roraima fez parte de uma nova fase da expansão da educação profissional, científica e tecnológica, quando os Centros Federais de Educação (Cefets) passaram a Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

É nesse contexto que a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica inicia, no Estado de Roraima, o processo de interiorização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), sendo o *Campus* Novo Paraíso a primeira unidade descentralizada a atender a população residente fora da Capital, Boa Vista.

1.1 Relato Histórico da Educação Profissional no Brasil e em Roraima

A formação da mão de obra no Brasil remete ao período da servidão, quando índios e negros escravos aprendiam um ofício para satisfazer os interesses dos colonizadores. Segundo Sandra Regina de Oliveira Garcia, no artigo “O Fio da História: A Gênese da Formação Profissional no Brasil”, citando Fonseca (1961, p. 68), “... habituou-se o povo de

nossa terra a ver aquela forma de ensino como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais”.

Mergulhando nessa citação, observa-se que não mudou muita coisa de lá para cá, ou, quem sabe, que nada mudou. Segundo Garcia (2000, p. 3), a abertura dos portos ao comércio estrangeiro, em 1808, permitiu a instalação de fábricas no Brasil, tempo em que D. João VI fundou o Colégio de Fábricas, o primeiro estabelecimento criado e instalado pelo poder público em solo brasileiro para atender à educação dos aprendizes.

Seguindo a linha da evolução do ensino profissionalizante no Brasil, chega-se a 1909, ao governo de Nilo Peçanha, isto é, a 102 anos depois da chegada da família real ao País. Nesse período, o ensino profissional começou a ganhar destaque. Foram criadas as escolas de profissionalização em cada capital de estado, 19, no total, cujo funcionamento era bastante precário por causa das condições físicas e humanas (GARCIA, 2000, p. 5).

Pelo Decreto n.º. 7.566, de 23 de setembro de 1909, Nilo Peçanha, então presidente da República, criou, nas capitais dos estados brasileiros, as Escolas de Aprendizes Artífices, destinadas ao ensino profissional primário gratuito. O mesmo decreto determinava que elas fossem mantidas pelo governo federal por intermédio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Na exposição de motivos do decreto, Nilo Peçanha tece a seguinte consideração:

[...] que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação.

Já no início de 1910, punham-se em funcionamento, nas capitais dos estados, 19 Escolas de Aprendizes Artífices, cujas datas de inauguração vão de 19 de janeiro a 19 de outubro de 1910, como mostra o mapa a seguir:

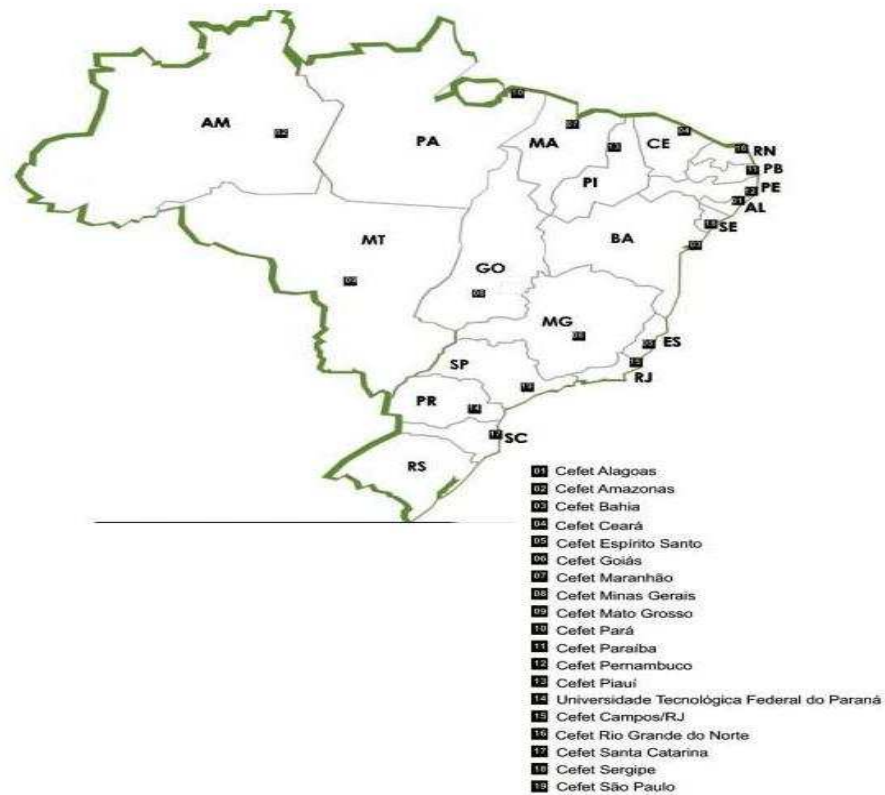


Figura 2 – Mapa das Escolas de Aprendizes e Artífices

Fonte: Setec

A evolução da educação profissional prosseguiu, embora lenta. Em 1918, estimulado pelo crescimento industrial, o governo realizou alterações no sistema de ensino autorizado pelo Congresso. Este, por meio da Lei n.º 3454, de 6 de janeiro de 1918, autorizou aquele a rever a questão do ensino profissionalizante, sendo que, no mesmo ano, foi aprovado, pelo Decreto n.º 13064, o novo regulamento que criou as Escolas de Aprendizes e Artífices (GARCIA, 2000, p. 6).

Ainda que muitos advoguem para si o título de grande transformador ou solucionador dos problemas educacionais do Brasil, o tempo é testemunha de que essa é sempre uma tarefa inacabada. Observando-se, de tempo em tempo, as transformações por que passa o País, percebe-se a falta da deontologia nos atores políticos, porque são eles os responsáveis pelo equilíbrio das verbas públicas, para que ocorra justiça social, um direito de todos.

Foi apenas no governo de Juscelino Kubitschek, em 1956, cujo plano era o desenvolvimento do Brasil em tempo recorde, que se observou um olhar mais atencioso para a educação brasileira, ou seja, 41 anos depois de o Congresso haver autorizado uma reforma no sistema de ensino. Conquanto tenham ocorrido outras mudanças no sistema educacional, foi somente no governo de JK que houve a destinação de 3,4% do orçamento para a educação, ou seja, de um total de 73% previstos para investimentos no País.

Com essas medidas, a educação profissional ganhou destaque na formação e na qualificação do trabalhador brasileiro. Em 1959, as Escolas Industriais passaram a

autarquias, transformando-se em Escolas Técnicas Federais, com autonomia didática e de gestão no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

1.2 Educação Profissional em Roraima

Roraima é um estado jovem, com apenas 28 anos de fundação. Antes era Território Federal de Roraima, gerenciado pelo governo federal, que nomeava os governadores biônicos, como eram chamados, devido à rapidez com que eram trocados do cargo. Essa ligação direta com o Palácio do Planalto ainda se reflete nos dias atuais. O estado é gerido pela chamada economia do contracheque, em que a maior parte da classe trabalhadora é formada por servidores públicos. As pequenas indústrias e o comércio local ainda não detêm sustentabilidade empregatícia, fonte mantenedora da economia local e impulsionadora do desenvolvimento e do progresso.

Para uma melhor compreensão do ensino técnico em Roraima, convém imergir na história dessa modalidade, em âmbito local, começando pela criação da Escola Técnica do ex-Território Federal de Roraima até chegar ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima.

A implantação da Escola Técnica de Roraima, integrante da rede de ensino do Território Federal de Roraima, ocorreu em 1986, com a oferta de dois cursos técnicos: Eletrotécnica, com 105 alunos matriculados, e Edificações, com 70 estudantes. As aulas eram realizadas em dois blocos da Escola do Magistério.

Três anos depois, em 21 de dezembro de 1989, o Parecer n.º 26/89 do Conselho Territorial de Educação (CTE-RR) autorizou e reconheceu o Regimento Interno da escola, bem como as grades curriculares dos dois cursos, validando os atos escolares anteriores.

O quadro funcional da Escola Técnica de Roraima, à época, era bastante reduzido. Contava com apenas 12 docentes e 11 técnicos administrativos para atender os 175 alunos.

Federalização

Com a extinção do Território Federal de Roraima pela Constituição de 1988 e sua transformação em Estado de Roraima, a Escola Técnica de Roraima foi transformada em Escola Técnica Federal de Roraima (ETFRR) no dia 30 de junho de 1993. Isso se deu pela promulgação da Lei 8.670, assinada pela então presidente da República, Itamar Franco, e publicada no Diário Oficial da União n.º 123, de 1.º de julho de 1993.

Diante dessa transformação e das mudanças necessárias para a transição e a efetivação da nova escola, o governo federal, por meio da Portaria n.º 1.140, de 9 de agosto de 1993, nomeou o professor Wagner José Rodrigues, lotado na Escola Técnica Federal de Goiás, para exercer o cargo de diretor-geral *pro tempore* da instituição de ensino.

A professora Sandra Mara de Paula Dia Botelho, em sua dissertação de mestrado, com o título “Escola Técnica Federal de Roraima: Retrospectiva da Trajetória de Desenvolvimento Através da Memória” (BOTELHO, 2009), traz, ao evocar as importantes memórias de criação da Escola Técnica Federal de Roraima, uma entrevista com o professor Wagner José Rodrigues, em que ele relata os desafios de ter sido o primeiro diretor-geral *pro tempore* da instituição de ensino:

Realmente fui nomeado, em 1993, pelo então Ministro da Educação Murílio Hingel. Fui convidado por ele para implantar a Autarquia Federal, que fora criada no Estado de Roraima. Creio que o convite se fundamentou na experiência que tivemos na implantação da Unidade Descentralizada da ETF Goiás em Jataí. ETFG-JATAÍ, (uma de 2 unidades implantadas dentro do programa de expansão da rede do ensino

técnico, pelo governo Sarney). Claro que tinha informações sobre o ex-Território, todavia não o conhecia e nem tão pouco sabia de seu potencial mas tinha clara a dimensão da missão a realizar. Como egresso do ensino técnico, sou técnico em Edificações pela Escola Técnica Federal de Minas Gerais, onde me tornei professor, acompanhei sua transformação em CEFET-MG, e em Goiás fui Professor, Coordenador de Curso, Coordenador de Turno, Chefe do Departamento de Ensino e Diretor de UNED, me sentia desafiado na tarefa de levar adiante a expansão de sua oferta através da rede Federal. A responsabilidade da implantação da ETFRR foi dividida com os dedicados colegas que tive a honra, a graça e prazer de encontrar em Boa Vista, muitos deles já experimentados na lida com a educação, o que possibilitou o sucesso na realização da missão.

Nesse período, o quadro funcional da escola já era composto por 226 servidores, sendo 113 professores e 113 técnicos. Em 1994, a Escola Técnica Federal de Roraima, por meio do Programa de Expansão de Cursos, implantou os cursos Técnico em Agrimensura e Magistério em Educação Física, e também o ensino fundamental – de 5ª a 8ª série –, atendendo 213 alunos, distribuídos em seis turmas. Mais tarde, o ensino fundamental foi excluído.



Figura 3 – Logomarca da Escola Técnica Federal de Roraima (ETFRR)

Fonte: Acervo do IFRR

Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima

Em 13 de fevereiro de 2002, a Escola Técnica Federal de Roraima foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (Cefet-RR). O Decreto Presidencial de transformação foi publicado no Diário Oficial da União no dia seguinte, 14 de fevereiro de 2002. O ato deu início à verticalização da educação profissional, ofertando cursos profissionalizantes nos níveis básico, técnico e superior. O primeiro curso superior implantado foi o de Tecnologia em Gestão de Turismo, vinculado à proposta de transformação da ETFRR em Cefet-RR

Em 2005, com a intenção de expandir a educação profissional, o governo federal, por meio do Ministério da Educação, criou o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no País. Assim, estabeleceu a implantação de Unidades Descentralizadas (Uneds) em diversas unidades da Federação. Na primeira fase do processo, Roraima foi contemplado com a Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso, no Município de Caracaraí, região sul do estado, cujas atividades pedagógicas se iniciaram em agosto de 2007.

Já na segunda fase do plano de expansão, o Cefet-RR foi contemplado com outra Uned. Desta vez, o beneficiado foi o Município do Amajari, na região norte do Estado de Roraima.



Figura 4 – Logomarca do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (Cefet-RR)
Fonte: Acervo do IFRR

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR

Em 29 de dezembro de 2008, o presidente da República sancionou a Lei n.º 11.892, criando 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Assim, deu um salto qualitativo na educação voltada a jovens e adultos em todas as unidades da Federação. Concomitantemente, implantou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e promoveu ampla reforma na estrutura de funcionamento do ensino técnico.

Uma das mudanças foi a extinção da Secretaria do Ensino Médio e Técnica (Semtec), a criação da Secretaria de Educação Básica (SEB) e, mais tarde, a transformação desta em Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec). Nesse ato, ficou perceptível o novo *status* assumido pela educação profissional na política do governo, que resolveu expandir ainda mais a Rede Federal, concretizando, de forma histórica, uma grande expansão.



Figura 5 – Mapa da Rede Federal da Educação Profissional, Científica e Tecnológica
Fonte: Site da Setec

Antes disso, cumprindo o planejamento de expansão da educação profissional no País, foram construídas 140 escolas técnicas (de 1909 a 2002) e fundadas mais de 500 novas unidades (de 2003 a 2016). Como resultado dessa expansão, a Setec conta hoje com 644 *campi* em funcionamento. Essas unidades de ensino compõem os 38 institutos federais espalhados por todos os estados da Federação. Eles ofertam cursos de capacitação, de ensino médio integrado, cursos superiores de tecnologia, licenciaturas e pós-graduação.

Nessa fase de transformação de Cefets em IFs, poucas instituições não aderiram ao novo modelo implantado, mas passaram também a integrar a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Ela é formada por 2 Cefets e 25 escolas vinculadas a universidades, além do Colégio Pedro II e da Universidade Tecnológica do Paraná.

Em Roraima, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (Cefet-RR) atendeu à Chamada Pública do MEC n.º 02/2007, cujo objetivo era analisar e selecionar as propostas de constituição de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Assim, com a promulgação da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o Cefet-RR passou a denominar-se de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). A princípio, contava com apenas uma unidade, o *Campus* Boa Vista, e estava implantando a Uned de Novo Paraíso, que passou a se chamar *Campus* Novo Paraíso (CNP), unidade que integra esta pesquisa.

Mais tarde, o IFRR passou a funcionar com três *campi*: Boa Vista, Novo Paraíso e Amajari. Em 2011, por meio do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a instituição foi contemplada com mais uma unidade: o *Campus* Boa Vista Zona Oeste, com sede na Capital.

Na condição de instituição autônoma de natureza autárquica integrante do sistema federal de ensino, o IFRR tem sua organização administrativa, didática e patrimonial definida em estatuto próprio. É vinculado ao Ministério da Educação e supervisionado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec).

Os objetivos da instituição são ministrar educação profissional e técnica de nível médio e cursos de formação inicial e continuada a trabalhadores; realizar pesquisas e desenvolver atividades de extensão, além de ofertar cursos de pós-graduação *lato sensu* (de aperfeiçoamento e especialização) e *stricto sensu* (de mestrado e doutorado).

O IFRR tem como finalidade também ofertar educação profissional e tecnológica em todos os níveis e modalidades visando qualificar cidadãos para atuar nos diversos setores da economia, tendo em vista o desenvolvimento local, regional e nacional. Perfeitamente inserido no contexto local, regional e cultural, bem como focado nos arranjos produtivos locais, o instituto vem contribuindo para o desenvolvimento do Estado de Roraima ao promover a inclusão social de jovens e adultos por meio das ações de formação profissional.



Figura 6 – Logomarca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR)

Fonte: Acervo do IFRR

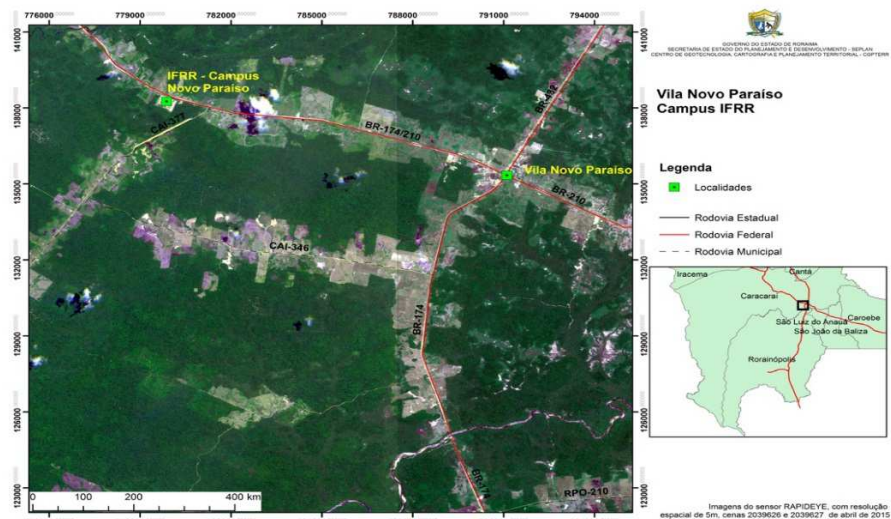


Figura 7 – Mapa da Vila Novo Paraíso e localização da Uned
 Fonte: Seplan

1.3 Implantação da Uned em Novo Paraíso

A implantação e a estruturação da Unidade Descentralizada de Ensino de Novo Paraíso ocorreu em 2005, mas antes passou por análise criteriosa baseada em estudo de viabilidade, conforme descreve o documento anexo “Justificativa para Criação e Implantação da Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso (UNED)”. A descentralização do Cefet-RR para além dos limites do Município de Boa Vista, capital de Roraima, era um sonho que começava a materializar-se, segundo o documento:

Esse sonho começou a tomar forma e a ficar mais próximo da realidade a partir da visita feita pela direção geral do CEFET-RR à prefeita de Caracaraí, Sr.^a Maria Elivania de Andrade, quando levada ao conhecimento da mesma a intenção de o CEFET-RR lutar pela aprovação e implantação de uma UNED na região sul e lhes foi solicitado o apoio no sentido de a prefeitura de Caracaraí fazer a doação de uma área para tal fim (Justificativa UNED – CEFET-RR, 2005, p. 2).

Depois do contato com a gestora do município mencionado, o parágrafo 5.º da Lei Federal n.º 9.649/98 teve sua redação alterada por força da Lei n.º 11.195/2005, possibilitando a expansão da Rede Federal. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) deram início ao novo plano de expansão da rede. Assim, autorizada a implantação de novas Unidades de Ensino Técnico e Profissional, o Cefet-RR foi contemplado com uma Uned, já com previsão de dotação orçamentária para a construção em 2006.

Para o início da efetivação e da construção da Uned, portanto, era necessário que o local da obra pertencesse ao Cefet-RR. A Direção-Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima já tinha iniciado o diálogo com a Prefeitura de Caracaraí, que indicou uma área, na região sul de Roraima, a 350 km de distância da Capital, à margem direita da BR-174, sentido Boa Vista-Manaus, a 15 km da Vila Novo Paraíso.



Figura 8 – Local de implantação da Uned de Novo Paraíso

Fonte: Acervo do IFRR

A localização da Uned nesse ponto foi uma decisão estratégica da equipe que realizou os estudos da viabilidade para a implantação da unidade de ensino, como consta no documento que justifica a necessidade de a região ser contemplada com a estrutura. A unidade está localizada próximo de uma confluência das rodovias federais BR-174, que dá acesso a Boa Vista e a Manaus, BR-210, que vai para os Municípios de São Luiz do Anauá, São João da Baliza e Caroebe, e BR-432, que leva ao Município do Cantá.

Integração e desenvolvimento por meio da educação são entrelaçamentos que sempre geram resultados positivos. Apesar de jovem, assim como o Estado de Roraima, o Cefet-RR cumpriu o papel de ajudar no desenvolvimento local, contribuindo para a formação profissional de jovens e adultos nas diversas áreas para atender aos setores da economia na Capital, Boa Vista. Ultrapassar os limites da Capital e chegar às áreas interioranas do estado se tornou mais fácil com a proposta de expansão do MEC e da Setec.

Mas era preciso elaborar uma proposta pedagógica para atender a população do sul de Roraima, especialmente os jovens, levando em conta a vocação natural da região. Realizou-se, então, um estudo para identificar as potencialidades de cada região do estado, o “Produzir – Programa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Roraima de 2004”, indicando que Roraima tinha vocação natural para a agroindústria e o agronegócio (Justificativa UNED – CEFET-RR, 2005, p. 4).



Figura 9 – Professor Edvaldo Pereira no local de implantação da Uned de Novo Paraíso
Fonte: Acervo do IFRR

Com fundamento no estudo citado e nos dados do MEC/Inep, do Censo Escolar de 2003 e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que indicavam uma lacuna na educação e na formação dos jovens da região sul de Roraima, foi decidida a implantação da Unidade de Ensino Descentralizada em Novo Paraíso, com a seguinte abrangência:

[...] a UNED de Novo Paraíso terá, portanto, uma área de abrangência que permitirá, pela proximidade geográfica e interligação rodoviária, o acesso aos seus cursos e atividades de estudantes filhos de agricultores e proprietários rurais, residentes em seis municípios do estado, num total de 68.408 habitantes, conforme especificação a seguir:

- São Luiz do Anauá, com uma população de 6.324 habitantes, 1.425 alunos matriculados no ensino fundamental e 342 no ensino médio;
- São João da Baliza, com uma população de 5.384 habitantes, 4.600 alunos matriculados no ensino fundamental e 338 no ensino médio;
- Rorainópolis com uma população de 23.599 habitantes, 4.600 alunos matriculados no ensino fundamental e 586 no ensino médio;
- Caroebe, com uma população de 5.844 habitantes, 1.837 matriculados no ensino fundamental e 360 no ensino médio;
- Caracaráí, com uma população de 17.259 habitantes, 3.839 alunos matriculados no ensino fundamental e 489 no ensino médio;
- Cantá, com uma população de 10.213 habitantes, 2.718 alunos matriculados no ensino fundamental e 463 no ensino médio;

Esse contingente de aproximadamente 18.277 de alunos constitui uma demanda direta para a UNED de Novo Paraíso. Posto que, nesses municípios as grandes maiorias das oportunidades educacionais se esgotam ao término do ensino fundamental, com exceção de suas sedes, onde existem escolas da rede estadual com a oferta de ensino de nível médio formação geral e do município de Rorainópolis, onde recentemente o governo do estado implantou o Instituto Superior de Educação – ISER, que oferta curso de Magistério Superior (Justificativa UNED – CEFET-RR, 2005, p. 6).

Amparado e fundamentado nos dados que justificavam a implantação da unidade na região sul, o Cefet-RR focou as áreas do agronegócio e da agroindústria, em consonância com a proposta da política de desenvolvimento do governo federal de criar ações que levassem à diminuição das desigualdades sociais, estimulando o desenvolvimento do estado e fixando o homem no campo por meio da geração de emprego e renda nas áreas rurais.



Figura 10 – Canteiro de obra da Uned de Novo Paraíso

Fonte: Acervo do IFRR

Um projeto bem estruturado contendo os três pilares que fundamentavam a Proposta Política e Pedagógica do Cefet-RR – ensino, pesquisa e extensão – foi pensado estrategicamente para proporcionar aos jovens o acesso à educação profissional e tecnológica em uma área próxima de suas famílias com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da região. O primeiro curso da Uned foi o Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio, que teve início em 15 de agosto de 2007 com 150 alunos matriculados em quatro turmas e estudando em horário integral.



Figura 11 – Primeira fase da obra da Uned de Novo Paraíso concluída

Fonte: Acervo do IFRR

Como já foi mencionado, o ensino profissional no Brasil sofreu várias mutações, com propostas e modelos que não duraram muito tempo. A Unidade Descentralizada de Novo Paraíso e o Cefet-RR, para não fugirem à regra, também tiveram que mudar mais uma vez de nome. Em 29 de dezembro de 2008, o então presidente da República sancionou a Lei n.º 11.892, criando 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Assim, a partir dessa data, o Cefet-RR passou à condição de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), com três *campi* : Boa Vista, Novo Paraíso e Amajari.



Figura 12 – Primeiros alunos da Uned de Novo Paraíso

Fonte:Acervo do IFRR



Figura 13 – Restaurante da Uned de Novo Paraíso

Fonte: Acervo do IFRR

Agora, com *status* de *campus*, a antiga Uned segue com passos mais largos e com novas perspectivas. O foco da presente pesquisa foram as primeiras turmas dos cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Agricultura nas modalidades de alternância e integrado ao ensino médio do *Campus* Novo Paraíso.

A relevância deste trabalho consistiu em observar, nas comunidades onde os egressos estavam vivendo no momento da pesquisa, quais atividades realizavam, além de analisar e comparar as condições do antes e do pós-curso, e o convívio social e profissional deles.

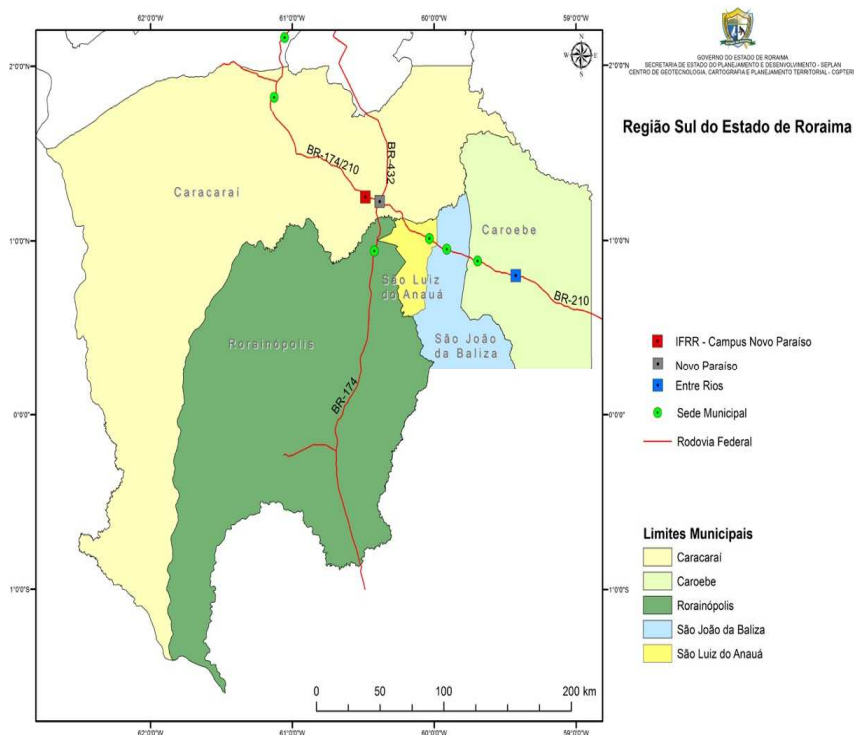


Figura 14 – Mapa da Região Sul de Roraima

Fonte: Seplan

1.4 Repensar a História de uma Região pela Educação

Repensar uma educação para todos e para os lugares mais distantes do Brasil é um assunto que vem sendo debatido nos encontros e nos seminários sobre educação. Para consolidar as propostas surgidas nesses eventos, foi criada a Lei 11.893/08, que permitiu a expansão de uma educação técnica de qualidade para as periferias dos grandes centros e também para o interior do Brasil. Silva (2008, p.24) declara que a educação no Brasil sempre foi pensada para as áreas urbanas e que a educação para o homem do campo fica sempre em segundo plano:

Historicamente, a proposta de educação para o homem do campo sempre foi impregnada por uma visão preconceituosa com relação ao campo.

Nessa perspectiva, a zona rural – o espaço não urbano era entendido como sinônimo de atraso, local onde o desenvolvimento ainda não chegou, sendo visto na ótica de uma visão elitista segundo a qual, o que é bom e desenvolvido está na zona urbana, ou seja, é o que está na cidade.

Assim, ser habitante da cidade é sinônimo de ser urbano, socialmente desenvolvido, moderno, enquanto que ser oriundo da zona rural é ser não moderno, atrasado, sem cultura.

Essa visão distorcida e discriminatória sobre a realidade do campo foi assimilada pelos sistemas educacionais e deu origem à concepção de que somente a cultura urbana é a cultura oficial, socialmente aceita e que deve, portanto, ser difundida pelos processos de educação. Decorrente dessa concepção, a proposta de educação para os habitantes da zona rural passou a ser aquela desvinculada de sua realidade, que deveria levar até eles a oportunidade do desenvolvimento, de sair do atraso e de incorporar a cultura urbana.

Essa prática teve como consequência política a negação da cultura do campo e o não reconhecimento do espaço não urbano e de seus habitantes como uma realidade específica com identidade, características e necessidades próprias, por parte da lógica orientadora das políticas educacionais para a população não urbana, ou seja, a chamada educação rural. Assim, as oportunidades educacionais apresentadas para essa população levavam de forma implícita a mensagem para o abandono do campo e o êxodo rural em favor da cidade.

Neste cenário, oriunda dos movimentos sociais e assumida pelo governo, pelo menos no plano da elaboração das políticas públicas, surgiu a Educação do Campo, que antes de ser uma proposta educacional é na sua essência um movimento político, que tem por finalidade se contrapor à visão preconceituosa, elitista e míope, sobre o campo, os espaços não urbanos e seus habitantes, propondo uma nova forma de percepção dessa realidade.

Proporcionar acesso à educação de qualidade aos jovens e também aos adultos das zonas rurais, que sempre foram cerceados desse direito, como assevera Silva, é pagar uma dívida histórica. É necessário sensibilidade e compreensão por parte das autoridades em relação a essa parcela da sociedade que trabalha, produz e vive no campo. Para isso, é mister ouvir essa população e debater com ela qual a melhor pedagogia a ser empregada no contexto em que vive.

A definição do modelo pedagógico mais adequado para as áreas rurais é o indicador mais coerente para que se possa acertar e desenvolver uma educação respeitando a realidade local. No caso da Uned de Novo Paraíso, que atende dois públicos de realidades diferentes – os que moram nas vilas (núcleos urbanos) e os que residem em vicinais, lotes e fazendas e que lidam diretamente com as atividades de agricultura e agropecuária –, foi preciso que a equipe que coordenou a implantação realizasse um diagnóstico por meio de questionário aplicado aos agricultores e aos produtores nas vicinais da região, bem como de audiências públicas com os moradores das vilas, para que chegasse às definições

necessárias da necessidade e da realidade local, como afirma Silva (2008, p. 54) em sua dissertação sobre a proposta metodológica para a Uned (“Pedagogia da Alternância: Uma Proposta Metodológica para a UNED Novo Paraíso”):

[...] Na realização das visitas às sedes dos municípios percebeu-se que a população residente nos centros urbanos teria dificuldades em atender às demandas da PA por não disporem de áreas apropriadas para o desenvolvimento de seus projetos e realização dos experimentos eventualmente demandados durante o processo de aprendizagem. Por isso partiu-se para as vicinais, onde os moradores dispõem de seus lotes para suas atividades práticas. Na vicinal 21 foram visitados e entrevistados 10 moradores. A escolha para essas visitas foi aleatória e seguiu o ordenamento natural dos lotes. Assim, foram visitados os 10 primeiros lotes da vicinal 21 e seus proprietários / moradores foram entrevistados.)



Figura 15 – Visita da equipe de implantação da Uned de Novo Paraíso a propriedade localizada em vicinal de município da região sul de Roraima

Fonte: Acervo do IFRR

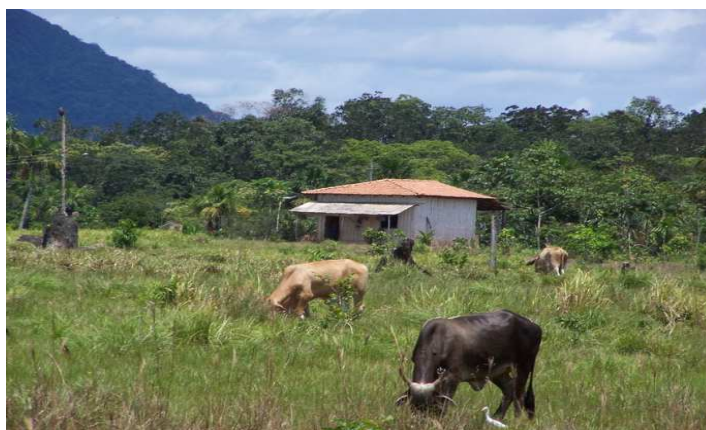


Figura 16 – Pecuária, uma das atividades mais propícias para a região sul de Roraima

Fonte: Acervo do IFRR

Para atender esses dois públicos, que, embora vivam em áreas comuns, as rurais, desenvolvem atividades diferentes no dia a dia, é preciso ouvi-los na hora de decidir sobre qual proposta pedagógica é mais adequada para eles. Essa é uma alternativa diferente da proposta das escolas convencionais destinadas à educação do homem do campo.

Nesse contexto, vale lembrar a origem da Pedagogia da Alternância. Ela surgiu na

França, em 1935, por meio das organizações das Casas Familiares Rurais. Foi uma iniciativa dos agricultores de Serignac Peboudou, província de Lauzum, liderados pelo padre Abbé Granerau, e teve a finalidade de responder, de forma mais efetiva e contextualizada, às necessidades de formação do homem do campo segundo a realidade concreta das áreas rurais.



Figura 17 – Audiência pública realizada pela equipe de implantação da Uned de Novo Paraíso em comunidade da região sul de Roraima

Fonte: Acervo do IFRR



Figura 18 – Momento em que a população ouvia, em audiência pública, as propostas para a implantação da Uned na região sul de Roraima

Fonte: Acervo do IFRR

Na província de Lauzum, na França, houve um jovem, filho de agricultor da região, que não quis frequentar a escola proposta para o homem do campo. A razão é que ela apresentava os mesmos padrões da escola da cidade. Desconsiderava, portanto, a realidade, os valores e a cultura rural, e enaltecia os valores e as características urbanas.

Com a recusa, o jovem, de nome Ives, deixou claro que queria permanecer na propriedade e ser agricultor, como o pai, e que a escola, da forma como estava organizada, bem como o conhecimento a que se propunha ministrar, não lhe interessava. Essa atitude do rapaz deu origem a um movimento liderado pelo pai dele, que recebeu apoio do padre Abbé. Este, em reunião com representantes da comunidade local, decidiu que os jovens fariam um curso técnico de agricultura por correspondência e que permaneceriam na casa paroquial por uma semana, para discutir o material do curso e o trabalho na propriedade.

Para o período de permanência na paróquia, os jovens deveriam trazer de casa a própria comida. Encerrado esse período, retornariam às suas casas e, até que os trabalhos corrigidos fossem enviados de volta, ficariam em casa para trabalhar com a família e só voltariam a se reunir por uma semana quando o material corrigido fosse enviado de volta.

Esse jovem, o protagonista da Pedagogia da Alternância (PA), nunca imaginou que da sua atitude nasceria uma proposta pedagógica que revolucionaria a educação rural na França e em países que trabalham para melhorar a vida do homem do campo por meio da educação, valorizando e melhorando a qualidade de vida do trabalhador rural na localidade onde escolheu trabalhar e viver. No dia 24 de novembro de 1935, chegaram quatro jovens de 13 e 14 anos à paróquia de Lauzum para iniciar o curso técnico de agricultura.

O mais importante de tudo isso é que mais jovens, no início de cada ano letivo, continuam a chegar, até hoje, às inúmeras escolas agrícolas que atendem agricultores e seus filhos em várias partes de mundo, inclusive no Brasil, por exemplo, no Estado de Roraima, no *Campus Novo Paraíso*.



Figura 2 – Alunos chegando à Uned de Novo Paraíso para o início das aulas

Fonte: Acervo do IFRR

Para trabalhar educação em áreas rurais, é preciso ter um olhar direcionado não apenas para uma modalidade de ensino mas também para o ambiente onde se pretende trabalhar. Nesse caso, o ambiente é o campo. Ainda confundem educação agrícola, educação rural e educação do campo, como se fossem uma única modalidade de educação. Entretanto, embora ocorram no mesmo ambiente, elas se diferenciam.

De acordo com Nunes (2017), existe um movimento pedagógico e político do campo. Esse pressuposto implica o reconhecimento dos movimentos sociais em defesa dos habitantes do campo e a luta por uma educação pública de qualidade para eles, ou seja, a luta por seus direitos como cidadãos. A complexidade da educação vem de longe e será duradora, principalmente enquanto for pensada em gabinetes distantes das pessoas que realmente precisam dela.

Para uma breve reflexão: não é para ser encarado como normal ver, por meio da grande mídia, os presídios e as casas de recuperação de menores lotados de jovens. Só com isso já se pode concluir que algo está muito errado, principalmente com a educação, porque os jovens deveriam estar nas escolas e nas universidades, e não encarcerados pelo próprio Estado.

Ainda segundo Nunes (2017), para que a educação possa ser vista como um vetor estratégico para o desenvolvimento territorial sustentável, uma força mobilizadora capaz de articular as inovações necessárias à transformação da realidade produtiva, ambiental, política e social, é preciso estabelecer uma visão coletiva que integre os componentes em

seus aspectos transdisciplinares mais profundos para entender o outro onde ele estiver inserido.

Ao refletir sobre a complexidade da realidade do campo como um espaço de experiências humanas, políticas, sociais, culturais, cognitivas, éticas e estéticas, deve-se compreender que o currículo precisa ser aberto em relação aos conteúdos e pautado em um diálogo entre a seleção de conhecimentos e os processos de formação. Ou seja, tem de haver um diálogo sobre uma diversidade que amplie o campo do conhecimento, da verdade e da formação e que propicie uma mobilização pela desconstrução de uma falsa unidade de um saber sequencial, repartido em disciplinas.

Seguindo essa linha tênue da abrangência do alcance da educação, já foi citado em parágrafos anteriores que a comunidade participou de audiências públicas promovidas pela equipe responsável pela implantação da Uned de Novo Paraíso. E, respeitando o princípio democrático e participativo das audiências, a unidade iniciou suas atividades ofertando três modalidades pedagógicas (alternância, integrado e Proeja), para atender os públicos das vilas e das vicinias dos municípios do entorno. Esse procedimento fez a população acreditar no compromisso e na seriedade do trabalho que seria desenvolvido.

1.5 Pedagogia da Alternância, uma Alternativa Democrática para a Região Sul de Roraima

Já foi visto como surgiu a Pedagogia da Alternância. Agora, comentar-se-á sobre essa modalidade de ensino na Uned de Novo Paraíso, hoje *Campus* Novo Paraíso (CNP). O Plano do Curso Técnico em Agropecuária na Modalidade de Alternância, no início priorizou as ações educacionais relacionadas ao eixo tecnológico e aos recursos naturais, compreendendo, em especial, as tecnologias pertinentes à produção vegetal e animal. Houve atendimento a outras áreas profissionais como educação, saúde, turismo e informática, mas com ênfase às atividades de extensão, conforme descrito no documento.

A localização geográfica do *Campus* Novo Paraíso tem facilitado o acesso de estudantes filhos de agricultores e de proprietários rurais residentes nos cinco pequenos municípios que integram a região sul do Estado de Roraima (Caroebe, São João da Baliza, São Luiz do Anauá, Rorainópolis e Caracaraí), segundo consta nos Anais e nos Relatórios Anuais de Gestão do IFRR de 2008 a 2016. Conforme mostram esses documentos, cujos dados são levantados anualmente por exigência dos órgãos de controle, como o Tribunal de Contas da União (TCU), a Controladoria-Geral da União (CGU) e a Auditoria Interna (Audin) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), o *Campus* Novo Paraíso passou a ser visto pela comunidade local como uma oportunidade concreta de acesso a outros processos de educação, não só na perspectiva da formação profissional mas também da ascensão social e da garantia de um futuro melhor para os jovens da região.

É na região sul de Roraima, onde está instalado o *Campus* Novo Paraíso, que se concentra a maior área de assentamento do Estado de Roraima. São 16 projetos de assentamento do Programa Nacional de Reforma Agrária, com aproximadamente 15.000 assentados, às margens das BRs 174 e 210 (CIAT, 2006). A implantação do curso Técnico em Agropecuária possibilitou a profissionalização dos jovens oriundos desses projetos de assentamento para atuarem na agricultura e na agropecuária, seja na iniciativa pública, seja na iniciativa privada, como se mostrará mais à frente.

Ainda não há um levantamento consistente de dados relativos às atividades praticadas nos lotes de assentamento da região de onde saíram os primeiros alunos do CNP na modalidade de alternância. Além dos Anais e dos Relatórios de Gestão do IFRR, este

trabalho é o primeiro realizado com o objetivo de buscar essas informações. Durante a pesquisa, foram encontrados egressos do CNP atuando tanto em propriedades privadas, na implementação e no desenvolvimento de projetos com ênfase em desenvolvimento sustentável, quanto em órgãos públicos responsáveis pela fiscalização das áreas de agricultura e pecuária, conforme será mostrado na análise dos dados.

Do ponto de vista do desenvolvimento regional, a oferta do curso Técnico em Agropecuária subsequente em Novo Paraíso despontou como uma oportunidade de profissionalização para o público que já havia concluído o ensino médio, mas que não tinha oportunidade de sair de seu lote para tentar uma vaga, por exemplo, na Universidade Federal de Roraima, na Capital, por causa da distância.

A Uned de Novo Paraíso surgiu para oferecer formação aos jovens da região sul que hoje atuam profissionalmente aplicando os conhecimentos técnicos adquiridos. Eles são referência como profissionais de melhor padrão técnico, fato que está mudando a realidade local, levando à superação de problemas relacionados à falta de oportunidades, melhorando a qualidade de vida e a realidade local por meio dos conhecimentos voltados à produção agropecuária e ao beneficiamento de produtos agrícolas, bem como interferindo significativamente no desenvolvimento econômico da região.

As atividades desenvolvidas pelos egressos nas localidades onde a pesquisa de campo foi realizada estão intrinsicamente ligadas às que constam no programa do curso, no item cinco, que trata do perfil profissional:

Este profissional será capaz de planejar, executar, acompanhar e fiscalizar todas as fases dos projetos agropecuários; administrar propriedades rurais; elaborar, aplicar e monitorar programas preventivos de sanitização na produção vegetal e animal; fiscalizar produtos de origem vegetal e animal; realizar trabalhos referentes à agroindústria; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais; atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa; atuar em estabelecimentos agroindustriais; parques e reservas naturais. O Técnico em Agropecuária atuará de acordo com a legislação estabelecida no ato do credenciamento junto ao Conselho Regional de Agronomia e Arquitetura (CREA), órgão responsável para regulamentar e fiscalizar a profissão.

Nas incursões feitas durante a coleta de dados, encontraram-se profissionais formados pelo CNP atuando, direta ou indiretamente, em atividades condizentes com o perfil profissional do técnico em agropecuária, seja em órgãos públicos, seja em empresas privadas. Um ponto muito importante a ser destacado é que eles não deixaram as comunidades onde residiam, ou seja, permaneceram para contribuir para o desenvolvimento local e regional.

1.6 Técnico em Agricultura Integrado ao Ensino Médio

O curso Técnico em Agricultura integrado ao ensino médio, assim como o de alternância, foi pensado, técnica e cientificamente, para a formação de cidadãos éticos com capacidade para utilizar diferentes tecnologias pertinentes à agricultura. Além disso, foi planejado para a formação de profissionais capazes de valorizar a diversidade de espécies e vegetais, buscar a autossustentabilidade dos sistemas agrícolas nos diferentes níveis, atuar individual ou em grupos multidisciplinares, valorizar os arranjos produtivos locais, a agricultura familiar e contribuir para o desenvolvimento do estado e da região. O público-alvo são jovens que vivem nos núcleos urbanos, vilas e sedes, dos municípios da região sul do Estado Roraima.

Esse público tem maior facilidade para ir e vir ao campus estudar diariamente. Isso

ocorre porque reside nas vicinais mais próximas da unidade de ensino e porque boa parte das estradas de acesso às vilas e às sedes dos municípios já é asfaltada. Além disso, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, por meio do CNP, desde o início da implantação deste, oferta transporte escolar aos estudantes, utilizando parte dos recursos do orçamento da instituição, que é descentralizado para esse fim, e parte oriunda de parcerias com as prefeituras dos municípios.

Em 19 de julho de 2010, o governo federal editou o Decreto n.º 7.234/2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAE). O art. 4.º do decreto afirma que:

As ações de assistência estudantil serão executadas por instituições federais de ensino superior, abrangendo os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando suas especificidades, as áreas estratégicas de ensino, pesquisa e extensão e aquelas que atendam às necessidades identificadas por seu corpo discente oferece o transporte escolar gratuito a essa parcela da comunidade estudantil por meio da Política Nacional de Assistência ao Estudante (BRASIL, 2010).

Proporcionar os meios de acesso à escola é um direito constitucional do estudante, mas nem sempre é garantido por quem de direito, o Estado. Os recursos destinados à assistência estudantil deveriam ser encarados como investimento para atrair e preparar os nossos jovens para que realmente sejam o futuro da Nação.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, nos três artigos a seguir, o dever do Estado é não somente ofertar educação mas também garantir o acesso e a permanência:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV – Atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I – Comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação. (BRASIL, 1988).

Os direitos garantidos por normas e leis são diariamente violados por pessoas e grupos que formam a sociedade. Com a educação, não é diferente. A Constituição dá essa garantia, mas até quem elaborou a Carta Magna não a cumpre. Quem também contribui para as desigualdades é a própria sociedade, permeada por diferentes visões de mundo. Essas visões são contraditórias e, entre elas, predominam as das “classes dominantes”, que detêm o poder econômico e político.

2 PROPOSTA METODOLÓGICA – METODOLOGIA

A presente pesquisa estabeleceu como sujeito da investigação os egressos dos cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Agricultura nas modalidades de alternância e integrado ao ensino médio do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima.

O estudo usou também como instrumentos de investigação fotografias, documentos e entrevistas, focando a atual atividade profissional desses ex-alunos do CNP, agora inseridos profissionalmente na comunidade geral da região como mão de obra para o desenvolvimento local. Recorreu-se ao recurso fotográfico como meio de verbalização e expressão do ambiente natural e profissional do público-alvo, analisando, por meio de entrevista estruturada, o antes e o pós-conclusão do curso, bem como o cotidiano e o convívio familiar dos egressos.

A viabilidade para a caracterização do uso da fotografia como instrumento em pesquisas e metodologias científicas demanda uma descrição efetiva do objeto/sujeito/contexto/sentimento e sensibilidade de estudo. Canabarro (2005 apud Alexandre Pereira, 2014) aborda o uso de fotografias nas pesquisas. Segundo o autor, mesmo que recente, esse não é um processo técnico inferior aos demais instrumentos de pesquisa tradicionalmente conhecidos:

A utilização de fotografias pelos historiadores é uma prática muito recente e, por conseguinte, restrita. Chega-se a inferir que estes não gostam de imagens, pois preferem deter-se nas fontes escritas. Entretanto, não significa reduzir o valor do documento escrito, mas são consideradas as possibilidades de conhecimento de outras dimensões da vivência dos atores sociais por intermédio das fotografias. Salienta-se que as fotografias não devem ser utilizadas simplesmente como uma ilustração do texto verbal, mas como fontes de pesquisas, visto que os elementos que a compõem são recortados de determinados contextos sociais. Embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiveram por um momento em frente da câmera fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço. Esta possibilidade atesta o caráter histórico da fotografia.

Este estudo fundamentou-se também no método qualitativo para a coleta das informações e posterior investigação e interpretação das fotos coletadas com as famílias dos ex-alunos e com estes. A metodologia qualitativa para a obtenção dos dados foi, pois, a base para a significação e a interpretação dos dados coletados (fotos), o que ocorreu por meio de um processo que, segundo Bauer (2002), é definido como a “construção de um *corpus*”. Isso significa um método para definição sistemática do objeto pesquisado, a fotografia. Segundo esse método, quando um *corpus* está elaborado, o objeto já foi detalhado, e, assim, pode-se garantir uma pesquisa eficiente e uma análise livre. Isso possibilita ter uma visão mais isenta e não focar características já percebidas no contexto social.

Definir um conceito usando fotografia como instrumento de pesquisa foi desafiador no processo de investigação. Também permitiu um reencontro com histórias do passado e, ao mesmo tempo, a observação da transformação de vidas. Figueredo (2017, p. 29) faz uma importante reflexão sobre o real e o irreal nas fotografias. Ele declara que:

A construção discursiva do espelho do real fixou na fotografia uma marca tão profunda que se tornou quase indissociável a esta linguagem. Apesar da presunção de veracidade, que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos, a fotografia não representa o real e muito menos é a própria realidade e

sim uma semelhança com algo que é real. Mas há imagens que desfrutam de autoridade e influenciam opiniões e são de fato capazes de usurpar a realidade, ainda sendo imagens. A fotografia se configura a partir de uma dualidade profunda, é verdadeira na medida em que se assemelha a algo real, e é falsa por ser apenas uma semelhança.

As observações realizadas não foram apenas o imergir o olhar nos álbuns de fotografias mas também o voltar ao passado, trazendo à memória as experiências vividas pelas famílias e pelos egressos. É comum, em museus que realizam exposições históricas de uma época, de uma nação ou da evolução humana, haver um local de destaque para a exposição de retratos, pinturas ou fotografias que narram acontecimentos que marcaram determinado período da história da humanidade. Como afirma Morelli (apud BURKE, 2017 p.1), “se você deseja compreender cabalmente a história da Itália, analise cuidadosamente os retratos. Há sempre no rosto das pessoas alguma coisa da história de sua época a ser lida, se soubermos como ler”.

Observar fragmentos como esse de Giovanni Morelli, que Peter Burke traz em sua obra *Testemunha Ocular – O Uso de Imagens Como Evidência Histórica*, deixa claro que realizar pesquisa usando fotografias e imagens como fonte já ocorre com certa frequência. No caso específico desta pesquisa, foi desafiador utilizar a fotografia como instrumento de observação e comparação da transformação social e profissional dos alunos egressos do *Campus Novo Paraíso* após dez anos de funcionamento da unidade na região sul de Roraima.

Direcionou-se o olhar para o horizonte metodológico da análise de conteúdo, fundamentando o trabalho na investigação qualitativa exploratória, por tratar-se de assunto ainda inédito. A obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2009), uma bússola orientadora para diversos ramos de investigação, como Psicossociologia, Comunicação de Massa, História ou Política, é um excelente manual de método a ser usado por estudiosos de várias especialidades, inclusive jornalistas, como é o caso do autor desta dissertação. A autora afirma que:

Descrever a história da análise de conteúdo é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p.15 apud CILENE; FOFONCAS).

A autora ainda ressalta o aparecimento e a extensão da análise de conteúdo em diversos setores das ciências humanas. Mostra a relação desta com as técnicas modernas do século 20, antes fundamentadas na Hermenêutica, na Retórica e na Lógica, áreas do conhecimento que antecedem a era cristã.

Para a obtenção dos resultados desta pesquisa, preparou-se um roteiro de 15 perguntas estruturadas. Bardin (2011) conceitua entrevista como um método de investigação específico e a classifica como diretiva ou não diretiva, ou seja, fechada e aberta. Além disso, explica que a análise do conteúdo em entrevista é muito complexa e que, em alguns casos, determinados programas de computadores não conseguem processá-la. Não foi o caso deste estudo, pois limitou-se ao uso do computador para a inserção de dados no texto.

A investigação ocorreu no *Campus Novo Paraíso* do IFRR, implantado há dez anos, quando teve início o processo de expansão e interiorização do ensino profissional,

científico e tecnológico em Roraima. À época, chamava-se Unidade de Ensino Descentralizada Novo Paraíso (uma escola agrotécnica que funcionava como extensão do Cefet-RR), cuja missão era ofertar educação profissional para o homem do campo do sul de Roraima.

As exposições e as induções para as leituras visuais de imagens e fotografias se tornam, a cada dia, mais apelativas, seja nos meios de publicidade ao ar livre, como *outdoors*, *back light*, *front light*, seja em outros suportes, como TVs, computadores e telefones celulares.

Essa prática da comunicação por meio de imagens, deixada pelas civilizações antigas em paredes de cavernas, cerâmicas, papiros e escultura, permite que hoje pesquisadores e pensadores de alguns ramos das ciências utilizem imagens, a exemplo de fotografias e vídeos, como fonte de pesquisa. Neste trabalho, a fotografia foi um dos instrumentos usados em razão da potente força de expressão de comunicar um recorte de espaço e tempo, além de permitir várias nuanças para leituras e interpretações.

Sylvia Caiuby Novaes, no artigo “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na Etnografia” (2014), citando a obra *Como pensam as imagens* (SAMAIN, 2012), afirma que as imagens entram em comunicação e dialogam entre si. Além disso, declara que as fotografias “fazem falar, apesar de seu silêncio”.

A imagem, seja fotográfica, seja outra, desponta como um grande potencial de comunicação, como importante instrumento para pesquisas, conforme ocorreu neste trabalho. A fotografia é fundamentalmente comunicação, e seu uso nas pesquisas deve ser pensado a partir de sua natureza, da maneira como estabelece relações entre as pessoas, fazendo-as falar, acionar memórias e produzir narrativas acerca da realidade.

Segundo Novaes (2014), as fotografias, diferentemente dos textos escritos, têm o potencial de produzir narrativas sobre um conjunto de elementos. Isso possibilita o estabelecimento de outras relações com as cenas representadas pelas imagens, pois estas não seguem uma narrativa linear, ou seja, cada pessoa pode começar a lê-las com base em elementos diferentes e produzir conexões variadas entre eles. As fotografias são como textos dinâmicos que podem ser lidos de diversas formas e levar o leitor a produzir sentidos variados.

As sociedades se dividem em grupos sociais e étnicos. Nelas, a identidade e o desenvolvimento sociocultural fundamentam um território etnográfico. A presente pesquisa trabalhou com um grupo de egressos ligados a uma territorialidade rural. Para esse grupo, foi pensado e estabelecido, por meio de lei, um modelo educacional visando mantê-lo, após a conclusão do curso, no mesmo espaço geográfico.

Iniciados os contatados com o público-alvo, observou-se algo interessante. Ao mesmo tempo em que os egressos narravam os momentos registrados pelas fotos, deixavam transparecer, em cada comentário, que gostariam que o pesquisador tivesse participado de todos eles.

A fotografia é um instrumento de suma importância numa investigação com definição e conclusão. Ela apresenta sequências lógico-temporais, como ocorre nas narrativas. Walter Benjamin (1996, p.198, apud NOVAES, 2014, p. 61) afirma que:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, dentre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos. O narrador retira da experiência o que ele conta – é a sua própria experiência ou a que os outros relatam. Ao narrar ele incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.

Mesmo não transmitindo informações com palavras, a fotografia, como instrumento de pesquisa das ciências sociais, exerce bem o seu papel, fazendo a comunicação ocorrer no tempo e no espaço. Sylvia Maria Novaes (2014), no artigo “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na Etnografia”, já citado neste trabalho, declara que a fotografia pode ser uma porta de entrada excelente para a Etnografia. A autora afirma que a imagem fotográfica instiga o olhar e, de certo modo, suscita uma desnaturalização deste. A fotografia diz sem dizer. Ela desperta vários comentários sobre o que evoca, sem necessariamente mostrar em termos visuais. Isso ocorre por se recusar a falar.

Essa característica da fotografia a torna diferente, como fonte narrativa, dos textos acadêmicos e jornalísticos. Ela acolhe a experiência de quem a contempla, e cada leitor escolhe sua linha de comunicação e interpretação. Didi-Huberman (1998, p. 243, apud NOVAES, 2014, p. 61) destaca a receptividade da fotografia para quem a busca como instrumento de pesquisa. A autora declara que esse acolhimento desperta quem dialoga com a fotografia, levando-o a contemplar novas reflexões sobre as próprias experiências.

Em outras palavras, Didi-Huberman afirma que a fotografia é suficientemente “aberta” para que o observador possa mergulhar no seu interior e, paradoxalmente, perceber em si mesmo o que ela desperta. Ao observar algo, vê não apenas a aparência daquilo que a imagem lhe mostra, mas igualmente a relação que ele mantém com essa aparência. Como assevera a autora (1998, p. 243), “a imagem é estruturada como um limiar” para o observador; não é algo simplesmente alegórico. Quando se permite um mergulho na imagem, ela evoca e desperta nele sentimentos, lembranças e sensações sobre os quais começa a falar. Dificilmente um texto acadêmico se abre e acolhe quem o lê dessa maneira.

Seguindo essa percepção etnográfica e iconográfica, defendida por Sylvia Maria Novaes (2014), Bittencourt (2001, p. 2, apud SILVA, 2006) corrobora com a argumentação apresentada acima ao definir imagem fotográfica:

[...] é um dos elementos relevantes da composição dos cenários visuais e da narrativa não verbal da cultura contemporânea. Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo.

A frase “uma imagem vale mais que mil palavras”, atribuída a Confúcio, imperador e filósofo chinês, nunca esteve em tanta evidência quanto nos dias atuais. Isso ocorre porque as novas mídias produzem e publicam imagens legendadas (direcionadas a pessoas que alegam falta de tempo para leituras mais demoradas). Vive-se o chamado advento das mídias ninjas, em que, no mundo da globalização, o que vale é a instantaneidade do ciberespaço e o número de compartilhamentos, curtidas e visualizações.

Sérgio Luiz Pereira (1999, p.2) traz uma proposta de trabalho com recursos conceituais e metodológicos que tangenciam os campos das representações sociais com um conceito de hermenêutica visual e estudos culturais de investigação interpretativa para a relação entre estética e cultura como elementos de formação das identidades visuais. Evocando Barthes (1999) e reforçando a célebre frase de Confúcio, o autor afirma que:

[...] se, como afirma Barthes (1999), “uma imagem vale mais que mil palavras”, acreditamos que, no caso da imagem de uma identidade cultural, a narrativa visual ganha validade estética, podendo, com isso, adquirir força política nos espaços públicos através dos seus usos e propagações nos veículos de comunicação de massa. É pensando deste modo que este texto propõe associar sociologicamente a perspectiva do estudo sobre identidade e imagem com o

enfoque sobre o fenômeno das afirmações e representações sociais da identidade baseadas em novas mídias.

Quando se sonha, o que vem à mente, quando se acorda, são flashes de lembranças. Pode-se visualizá-las e recordá-las. Elas aparecem na forma de imagens. Isso é bem diferente de quando se viaja e se registram esses momentos por meios de fotos ou imagens em movimento. Neste caso, quando se mostram as fotos aos amigos ou aos parentes, narram-se os momentos com alegria e sentimentos. Às vezes, sente-se o cheiro, e até se saliva, diante de uma foto ou imagem de um prato de iguaria deliciosa.

Em relação ao registro da cultura, das artes e dos povos, não é diferente. Observa-se que a facilidade de acesso a equipamentos audiovisuais modernos e de fácil manuseio permite que muitas etnias registrem e divulguem, por meio da internet, de revistas ou de outros periódicos, seus costumes, culturas e tradições. Sergio Luiz Pereira (2006, p. 8) trata desse processo de pronunciamento visual: imagem e comunidade numa relação estética e cultural. Ele afirma que:

O pronunciamento visual busca fazer um levantamento analítico-reflexivo dos dados imagéticos, identificadores de elementos sociais e culturais, que serve como modo de investigação classificatório, interpretativo e explicativo no campo da sociologia da imagem. Na análise etnográfica e sociológica os valores imagéticos de comunidades, etnias e grupos sociais formam um pano de fundo analítico-investigativo. Os valores históricos registrados imagneticamente, em especial a fotografia, compõem um *background* para o possível mapeamento dos elementos simbólicos, signos e valores estéticos de identificação das imagens. As comunidades afrodescendentes do norte fluminense são ricas em elementos estéticos e têm valorizado o reconhecimento do seu campo simbólico com a afirmação das suas pertencas indenitárias através de suas práticas folclóricas e culturais e seus resgates históricos.

Essas narrativas não verbalizadas que subjazem nas imagens têm se tornado instrumento e fonte inovadora para os pesquisadores das ciências sociais. Os ícones imagéticos, por meio da hermenêutica visual, vêm ganhando sustentação. Ao mesmo tempo, novas possibilidades se abrem com a realidade aumentada mediante os recursos de 3D. Já é possível, por exemplo, realizar impressões usando esses recursos, em que as imagens ganham forma física depois de impressas.

O uso de fotografia nas produções científicas é profícuo, rico e aberto a questionamentos. Cecília Moreyra de Figueiredo (2017) defendeu a tese de doutorado intitulada “Uma postura crítica ao discurso que simplifica a relação da fotografia com a realidade como uma possibilidade de figuração do mundo real”. Na dissertação, além de fazer um registro histórico da fotografia na década de 30 do século 20 (FIGUEREDO, 2017, p, 25), afirma que, nesses quase duzentos anos de existência, ela, além de invento ótico e químico, é uma grande possibilidade de relação com a realidade por meio da linguagem visual.

Nesse período de existência, a fotografia tem demonstrado sua importância, além de sua força transformadora como instrumento de comunicação e mobilização. Agora se volta às pesquisas, principalmente nas áreas das ciências. Ela já contribuiu para fazer cessar guerras, mobilizou o mundo para combater a fome em vários países, principalmente na África, além de ser um mecanismo de denúncia para muitos cidadãos que vivem em comunidades onde só existe a lei do mais “forte”, que mantém o domínio e o controle da população local.

Mas convém esclarecer que simplesmente a foto pela foto não serve de prova, porque ela é um recurso manipulável e pode ser, sim, alterada ou adulterada para beneficiar ou prejudicar alguém. Para explicar essa faceta documental da fotografia e sua relação com

a realidade, Figueredo (2017, pp.26-27) cita Roland Barthes (1984) e Philippe Debois (1994):

[...] segundo este autor a fotografia reproduz infinitamente algo que só ocorreu uma vez, “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (1984, p.13). Esta afirmação de Barthes encontra ressonância na definição de Dubois (1994) da fotografia como representação especular do real, ao representar o recorte de um instante único e isolar uma porção de extensão do visível. A fotografia representa, segundo este autor, um fragmento de determinado momento em um determinado lugar e assim, é considerada metaforicamente como a “sombra petrificada” que deixa rastros e vestígios materializados no momento-traço do clique.

Na busca por uma resposta sobre as transformações ocorridas na vida dos egressos e na região sul de Roraima após dez anos de implantação do *Campus Novo Paraíso*, a fotografia foi um dos instrumentos de investigação e de diálogo para a compreensão da realidade. Isso não significa que se buscou provar nenhuma verdade absoluta, mas entender se de fato a unidade de ensino está cumprindo seu papel de transformação regional por meio dos arranjos produtivos locais.



Figura 20 – Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso
Fonte: Acervo do IFRR, 2018



Figura 21 – Construção da área de convivência da Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso
Fonte: Acervo do IFRR, 2018

Como já foi citado, trabalhou-se com os egressos das turmas iniciais da unidade de ensino, a qual começou com os cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Agricultura, ambos em regime de alternância e integrados ao ensino médio. Para a concretização da pesquisa, foram realizadas visitas ao CNP para coleta de dados e análise dos documentos que deram origem à unidade de ensino. Além disso, foram feitas incursões às residências dos pais dos egressos tanto na zona rural quanto nas sedes dos Municípios de São Luiz do Anauá, São João da Baliza, Caroebe, Rorainópolis, Cantá, Iracema e Mucajaí, além da Capital, Boa Vista, onde, no período da coleta de dados, residiam e trabalhavam outros ex-alunos do *campus*.

Localizar os egressos nessas localidades foi um dos maiores desafios enfrentados para iniciar-se o levantamento dos dados desse público no *locus* da pesquisa, o *Campus* Novo Paraíso. Após o levantamento, buscou-se estabelecer contato com os ex-alunos que, periodicamente, participam dos encontros de egressos do IFRR para, então, fechar uma lista de contatos e estabelecer as entrevistas. Para a concretização desse serviço, as novas tecnologias e as redes sociais foram as grandes aliadas. Depois dos primeiros contatos, o pesquisador foi inserido nos grupos de WhatsApp de duas turmas de alternância e do curso integrado ao ensino médio.



Figura 22 – BR-174 (rodovia de acesso à região sul de Roraima)

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Efetivados os contatos, começou-se a ver as melhores possibilidades para os encontros da pesquisa de campo. Como as turmas eram compostas por ex-alunos de todos os municípios da região sul de Roraima, eles foram divididos em três grupos por localidade. Começou-se pelos municípios mais distantes (Caroebe, Rorainópolis, Entre Rios e Caracaraí). Depois, chegou-se ao município mais separado dos outros, o Cantá. Os últimos municípios visitados foram Iracema e Mucajaí.

Na primeira incursão às localidades da região sul, foram encontrados egressos trabalhando diretamente nas atividades-fim dos respectivos cursos tanto na iniciativa privada quanto em instituições públicas. Um deles estava exercendo o cargo de técnico em agropecuária no *Campus* Novo Paraíso. Os demais atuavam em outras instituições: alguns na Agência de Defesa Agropecuária de Roraima; outros, em uma agroindústria de biocombustível de palmáceas (dendê). Um deles seguiu para a graduação em gestão ambiental no Amazonas e foi aprovado em primeiro lugar em uma seleção de mestrado na área de meio ambiente no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa).



Figura 23– Plantação de dendê, no Município de Baliza, onde, no momento da pesquisa, trabalhavam técnicos formados pelo CNP
Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 24 – Plantação de dendê, no Município de Baliza, onde, por ocasião da pesquisa, trabalhavam técnicos formados pelo CNP
Fonte: Autor da dissertação, 2018

Na segunda fase da pesquisa de campo, chegou-se ao Município do Cantá, à Vila Félix Pinto, área de assentamento e de produção agrícola e pecuária. Nessa localidade, foi encontrado um grupo de jovens que fez parte da primeira turma do curso Técnico em Agricultura em regime de alternância do *Campus* Novo Paraíso. Nessa modalidade, existe o tempo-escola e o tempo-comunidade. Assim, o estudante fica quinze dias no *campus*, participando das atividades pedagógicas, e quinze na comunidade local, exercitando os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Na vila, foram encontrados egressos trabalhando em empresas que elaboram projetos agroflorestais, nas Casas de Assistência ao Produtor Rural e na Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr). Também foram encontrados ex-alunos desempenhando atividades de agricultura no próprio lote, além de um que terminou todas as disciplinas do curso, mas que não defendeu o trabalho de conclusão. Ele estava trabalhando como frentista em um posto de combustível.



Figura 25 – Rodovia de acesso à Vila Félix Pinto, no Município do Cantá
Fonte: Autor da dissertação, 2018

Na terceira e última fase da coleta dos dados em campo, a pesquisa foi realizada em Iracema e Mucajaí, e finalizada em Boa Vista, capital de Roraima, com um egresso que ali estava vivendo. Ele trabalhava na Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr), mas não havia deixado de exercer, na prática, as atividades relacionadas ao curso. Trabalhava também em sua propriedade, no Município de Iracema, onde aplicava as técnicas de melhoramento genético no gado, além de melhorar a qualidade das cercas e dos currais substituindo o arame farpado pelo liso. Em Iracema e Mucajaí, localizaram-se egressos que não estavam exercendo as atividades relacionadas ao curso, mas trabalhando na construção civil como pedreiros.

Pesquisar é praticar descobertas em cada incursão que se faz. Foi isso o que ocorreu nas buscas realizadas. A cada contato, uma nova realidade, completamente diferente da outra, ia descortinando-se, embora os ambientes onde estavam vivendo e trabalhando os egressos fossem muito semelhantes. A educação é o campo onde o sujeito aprende a travar suas batalhas nas trincheiras da razão para fazer valer os seus direitos de forma integral, não importando o ambiente em que viva.

Refletindo sobre essa visão do homem como sujeito de deveres e direitos, não é difícil chegar à conclusão de que a educação é o meio de transformação de vidas, de um povo, de uma nação. Essa é a esperança nutrida pelo autor desta pesquisa. Há muito se espera por essa transformação, por essa intervenção na realidade, com a concretização de um projeto com viés social e educacional.

A realidade encontrada na pesquisa, com egressos realizando atividades ligadas às áreas-fim dos cursos e outros não, de forma nenhuma anula o conhecimento adquirido por eles, visto que o empreendedorismo também é estimulado nas aulas. Por exemplo, os

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, pretende-se informar os resultados alcançados com a análise da amostragem de egressos das primeiras turmas dos cursos ofertados pelo *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, localizado na região sul de Roraima. Por meio de entrevistas, buscou-se avaliar, sob a ótica deles, a importância da educação ofertada pela unidade de ensino e de que forma ela melhorou a vida da comunidade local. De igual modo, procedeu-se à interpretação e à discussão desses resultados, tendo em conta a fundamentação teórica deste trabalho.

3.1 Perfil dos Alunos em Estudo

A definição e a análise de dados ou de conteúdo de uma pesquisa remetem a conceitos norteadores que envolvem ética, compromisso com os envolvidos e responsabilidade na divulgação das informações. Convém destacar que esta pesquisa investigou um determinado público em certo período de tempo e em uma específica região do Estado de Roraima.

O público-alvo foram os egressos que passaram pelo *Campus* Novo Paraíso nos dez anos iniciais de funcionamento da unidade. A aplicação do estudo foi feita nos municípios da região sul de Roraima (Novo Paraíso, Caracaraí, Rorainópolis, São João da Baliza, Caroebe e Entre Rios), além de Iracema, Mucajá e Cantá, nas localidades onde residiam, por ocasião da pesquisa, os egressos do CNP.

Para embasar a fundamentação, utilizou-se o método da entrevista semiestruturada, remetendo-se, inicialmente, aos conceitos de dois estudiosos do assunto, Claudinei José Gomes Campos e Bardini. Iniciou-se com o primeiro, que, citando Bernard Berelson, declara que “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”.

Na análise do conteúdo, como foi utilizada a técnica de entrevista e também a fotografia, para realizar a comparação e a avaliação do grupo pesquisado, a comunicação do antes, do pós-curso e do cotidiano dos egressos ocorreu de forma objetiva.

Nessa linha, Bardin vê a análise de conteúdo como um ajuntamento de técnicas de análise das comunicações que usam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das informações. O autor também afirma que apenas esse conceito não é suficiente para determinar a modalidade de pesquisa, acrescentando que não pode haver indução de nenhuma forma de produção dos indicadores da pesquisa em relação aos pesquisados.

Sendo a análise de conteúdo um agrupamento de técnicas de comunicação, dois segmentos são fundamentais nesse processo: a linguística, usando de forma direta a semântica, e a hermenêutica, balizando a interpretação dos dados. No caso específico desta pesquisa, esses segmentos foram aplicados nas entrevistas e nortearam diretamente a leitura e a interpretação das fotografias, elementos de comunicação e percepção visual usados no estudo.

3.2 Caracterização da Pesquisa de Campo

Aplicou-se um questionário com os ex-alunos do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima. Todas as incursões da pesquisa seguiram um roteiro de perguntas estruturadas, às quais os participantes responderam do

próprio punho, além de dar ciência e assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que consta nos anexos.

3.3 Análise dos Dados

“Educação para o Desenvolvimento: A Implantação do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima”. Com esse objetivo em mente, ou seja, averiguar se o ensino ofertado pela unidade promoveu o desenvolvimento regional, foram realizadas entrevistas com 11 estudantes egressos que estudaram no *Campus* Novo Paraíso de 2007 a 2017.

Nesse processo, juntar o referencial teórico e a metodologia com as experiências vivenciadas pelos pesquisados, buscando uma compreensão de sentido, produziu um misto de angústia e êxtase até se chegar a um conceito que convergisse para o fechamento dos resultados.

Perguntados sobre quando ocorreu o ingresso no *Campus* Novo Paraíso, a maioria (50%) dos entrevistados respondeu que entrou em 2007, conforme mostra o gráfico 1.

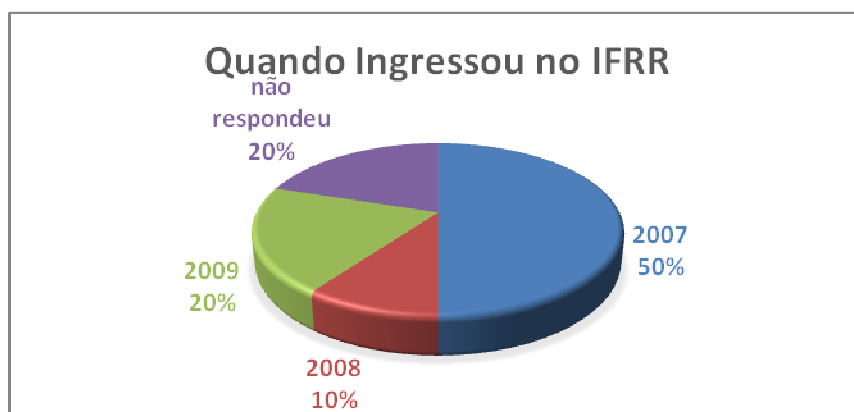


Gráfico 1 – Ingresso no Instituto

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Essa disparidade entre os anos de ingresso não significa que houve uma drástica redução da procura por cursos no *campus*. A amostragem apenas identificou que a maioria dos pesquisados ingressou no ano da implantação da unidade, já que o objetivo da pesquisa era mostrar os resultados dos dez anos de funcionamento. Na realidade, a demanda tem aumentado gradativamente a cada processo seletivo.

Interrogados sobre o critério para o ingresso no *Campus* Novo Paraíso, a maioria dos entrevistados (73%) afirmou que o sorteio foi o critério escolhido para o acesso às vagas existentes, como demonstra o gráfico 2. Ser filho de produtor rural e ter conhecimentos sobre o curso, esses critérios ficaram em segundo e terceiro lugares, respectivamente.

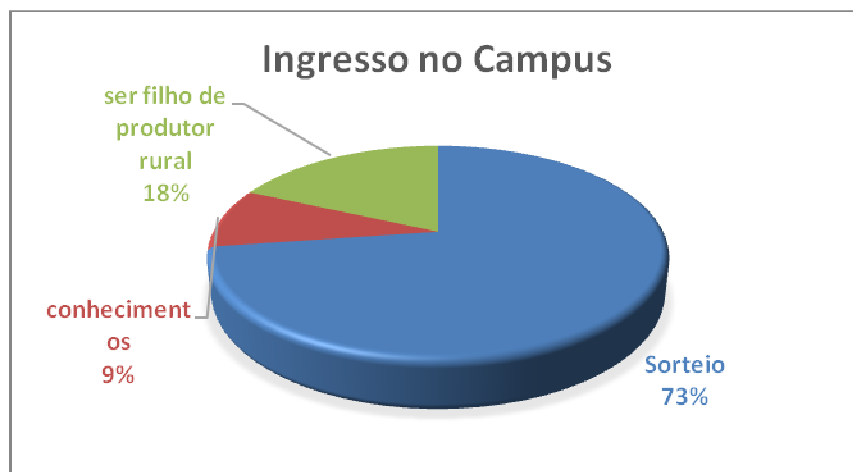


Gráfico 2 – Forma de Ingresso no Campus

Fonte: Autor da dissertação, 2018

É importante esclarecer que, no início, o único critério para o ingresso era o sorteio. O questionário da entrevista não incluiu perguntas sobre o perfil dos candidatos para pleitear uma vaga, o que não significa que existia perfil fechado. Toda a comunidade podia participar. Mais tarde, porém, foi implantado o processo seletivo, que segue até hoje, além do vestibular.

Indagados sobre que curso escolheram, a maioria dos entrevistados (64%) respondeu que buscou os cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Agricultura integrados ao ensino médio, como mostra o gráfico 3.

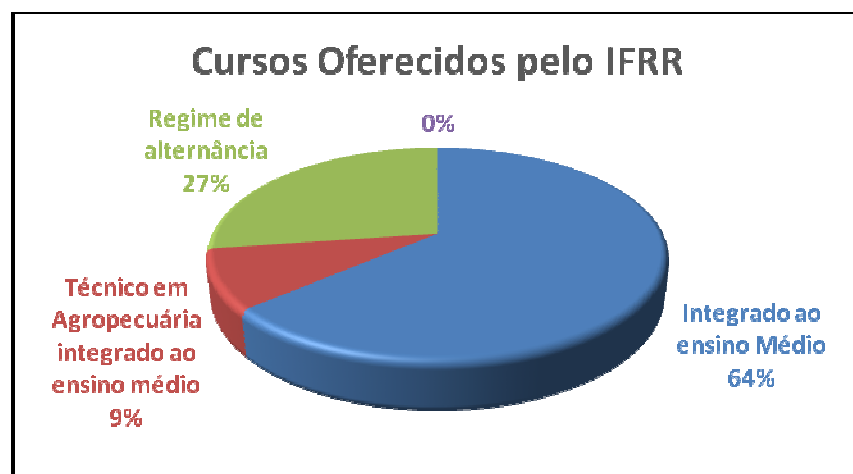


Gráfico 3 – Cursos Ofertados

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Os dados, com o auxílio das entrevistas *in loco*, mostram que a escolha do curso e da modalidade de ensino foi feita de acordo com o perfil das localidades de origem dos egressos. Como a maioria morava nas vilas e nas sedes dos municípios, escolheu o integrado ao ensino médio. A modalidade de alternância, que vem em segundo lugar, corresponde ao perfil dos que moram em sítios e fazendas, nas vicinias, portanto, em lugares mais afastados do *campus*.

Perguntados sobre a perspectiva escolar que havia antes da implantação do *Campus* Novo Paraíso na região sul do Estado de Roraima, a maioria dos entrevistados (46%), como revela o gráfico 4, respondeu que pretendia concluir o ensino médio e, em seguida, ir para a Capital em busca de melhores condições de vida.



Gráfico 4 – Perspectiva Escolar

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Conforme revela o gráfico, a perspectiva da maioria dos egressos em relação aos estudos estava voltada para a Capital, já que não poderia dar sequência à formação acadêmica na região sul de Roraima. Entretanto, boa parte deles não teria condições de sair em busca de uma vida melhor em Boa Vista. Iria parar de estudar depois da conclusão do ensino médio. Isso ratifica a importância da implantação da Uned em Novo Paraíso.

Interrogados sobre como era a vida e quais eram os sonhos antes da implantação do *Campus* Novo Paraíso, os entrevistados responderam que a vida era simples e que o máximo que almejavam era se tornarem jogadores de futebol. Porém, após a conclusão do curso, os sonhos mudaram para a busca pelo aperfeiçoamento profissional e pela aprovação em concurso público (55%), conforme demonstra o gráfico 5.

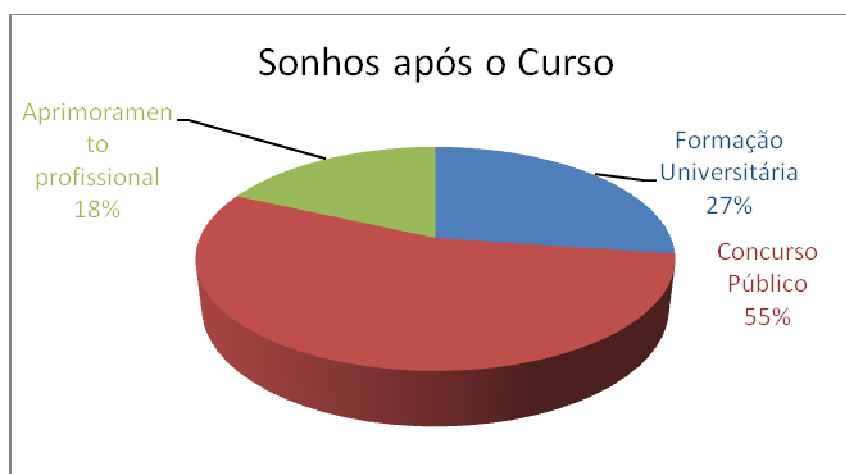


Gráfico 5 – Perspectiva após o Curso

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Nota-se que a formação recebida no CNP ampliou os sonhos dos egressos. Eles, que antes nutriam expectativas limitadas, passaram a buscar o aprimoramento profissional, a formação universitária e a aprovação em concurso público, com destaque para este último.

Perguntados de que forma o conhecimento adquirido no *Campus* Novo Paraíso contribuiu para a vida deles após a conclusão do curso, a maioria (37%), como revela o gráfico 6, respondeu que houve melhoria nas áreas profissional, educacional e financeira.

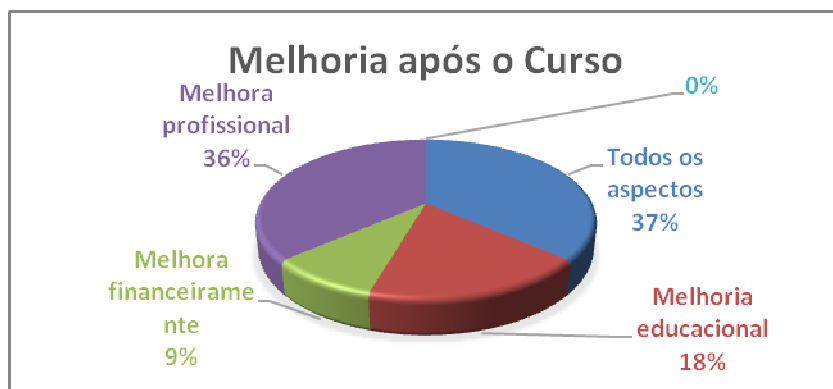


Gráfico 6 – Conhecimento e Melhoria de Vida

Fonte: Autor da dissertação, 2018

As sociedades e as nações são testemunhas de que, quando a população recebe o investimento adequado na educação, sempre ocorre um avanço no padrão social em todos os aspectos, até mesmo nas comunidades das áreas rurais. Os dados acima comprovam isso. A situação da maioria dos egressos do CNP melhorou em todas as áreas: social, profissional, educacional e financeira. É flagrante a conclusão de que a maneira mais eficaz de promover mudanças é a educação.

Indagados se a formação adquirida contribuiu para o desenvolvimento local, a maioria dos pesquisados (91%), conforme mostra o gráfico 7, respondeu que ela contribuiu de forma efetiva para o crescimento da comunidade. Apenas um deles disse que não houve contribuição nenhuma por ainda não trabalhar na respectiva área de formação.

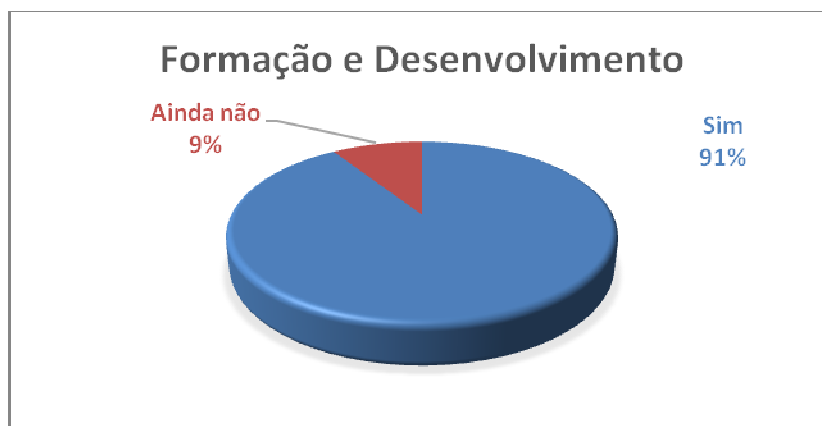


Gráfico 7 – Contribuição para o Desenvolvimento Local

Fonte: Autor da dissertação, 2018

A qualificação profissional eleva o indivíduo e o deixa apto para aproveitar as oportunidades reservadas aos que estão mais bem preparados para o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo. O ensino profissional e tecnológico tem contribuído para esse fim aonde chega, além de gerar progresso e desenvolvimento local. Conforme se pode observar no gráfico, a maior parte dos entrevistados respondeu que a formação recebida tem contribuído de forma efetiva para o crescimento da comunidade local. Isso se coaduna com os pressupostos da Lei 11.892/08, que criou os institutos federais.

Interrogados sobre quais eram as condições de vida antes da formação e como estavam no momento da pesquisa, 91% dos entrevistados responderam que o padrão de vida melhorou. Apenas um deles mantinha, à época da pesquisa, um padrão de vida baixo, apesar dos esforços para superação.



Gráfico 8 – Melhoria na Condição Social

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Uma década é um período que deixa perceptível alguma transformação. Poucos egressos afirmaram que sua condição de vida não estava melhor do que antes da formação. Como mostra o gráfico acima, a grande maioria relatou que o padrão de vida estava num patamar superior. Esse é mais um fator que comprova o valor da formação técnica e profissional oferecida pelo CNP.

Perguntados se, na avaliação deles, a instalação do *Campus* Novo Paraíso modificou a realidade local e transformou a vida das pessoas da comunidade, a maioria dos entrevistados (91%) afirmou que sim, conforme revela o gráfico 9, e apontou as mudanças. Um deles, no entanto, declarou que nem tanto, pois alguns ainda não estavam usando o conhecimento adquirido para melhorar a vida da comunidade.



Gráfico 9 – Melhoria de Vida da Comunidade

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Morar e conviver em comunidade implica partilhar os mesmos problemas e angústias diariamente. Essa situação ocorre de forma mais efetiva quando essa comunidade está distante do poder público. Assim, criar mecanismos que levem os jovens a permanecer em seus locais de origem, com formação educacional e profissional de qualidade, é uma forma de promover o desenvolvimento local e/ou regional.

Conforme mostram os dados, houve um avanço significativo nas condições de vida da população local depois da implantação do CNP. Essa mudança está diretamente ligada à atuação dos egressos. A maioria dos entrevistados respondeu que estava contribuindo de forma efetiva para o desenvolvimento de sua comunidade.

Durante a pesquisa, observou-se o compromisso da maior parte dos ex-alunos de permanecer e cooperar com sua localidade. A política de estimular a permanência das famílias em suas áreas de origem, executada pela Rede Federal de Educação Profissional,

Científica e Tecnológica, é a melhor forma de preservação da cultura e dos arranjos produtivos regionais.

Um assunto constantemente debatido, sobretudo na mídia, é a má qualidade do ensino público, principalmente nas redes municipais e estaduais. Por isso, os egressos foram indagados sobre a qualidade do ensino ofertado pelo *Campus Novo Paraíso*. A maioria (46%), como mostra o gráfico 10, respondeu que aprovava a qualidade do ensino recebido na unidade de ensino.



Gráfico 10 – Qualidade do Ensino Ofertado pelo Campus

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Muitos destacaram também o excelente nível dos professores. Apenas uma parcela pequena não respondeu. Outros deram destaque à falta de estrutura da unidade no início da implantação. Em síntese, constatou-se um ensino acima da média das demais instituições de ensino da região.

O termômetro para avaliar o grau de confiança de uma instituição continua sendo a opinião pública. Por isso, procurou-se saber também se as pessoas das comunidades do entorno do *campus* apoiavam a existência e a permanência da unidade de ensino na localidade.

Interrogados sobre isso, 91% dos entrevistados, conforme mostra o gráfico 11, consideraram que a totalidade da comunidade aprovava a instalação e os trabalhos do *campus*.



Gráfico 11 – Apoio da Comunidade

Fonte: Autor da dissertação, 2018

A maioria relatou ser favorável não só à existência como também à permanência do *Campus Novo Paraíso*. Houve comentários de que a escolha do local também foi acertada,

apesar de, à época da instalação, terem surgido opositores afirmando que a estrutura seria uma escola no meio do nada. Como apontou o resultado da pesquisa, essas pessoas estavam enganadas.

O *Campus Novo Paraíso* começou e permaneceu, na primeira década de existência, ofertando apenas o ensino técnico integrado ao médio. Somente em 2018, deu início a uma nova fase com a implantação do ensino superior. Perguntados se tinham dado sequência aos estudos ou pararam no curso técnico, os entrevistados, em sua maioria (55%), como mostra o gráfico 12, responderam que pararam no técnico, embora tenham partido em busca de melhoria profissional, e que pretendiam dar sequência aos estudos.

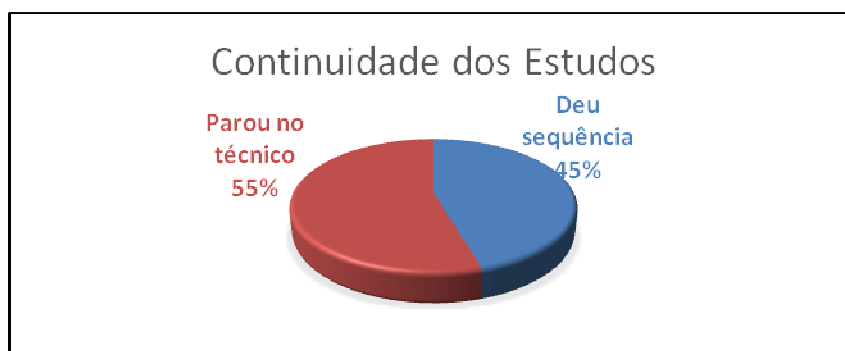


Gráfico 12 – Continuidade dos Estudos

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Esse resultado revela o perfil social da região. As duas opções apontadas pelos egressos são compreensíveis, haja vista a cultura predominante na zona rural, onde os filhos têm de ajudar os pais na produção de alimento e na manutenção da propriedade.

Os ex-alunos que optaram por dar sequência aos estudos são os que, à época da pesquisa, estavam residindo nas vilas e nas sedes dos municípios. Já os que não deram prosseguimento são os que estavam morando nas fazendas e nas vicinais e que haviam feito cursos em regime de alternância.

A competição para entrar no mercado de trabalho geralmente é mais acirrada do que a de ingresso nas instituições de ensino para lograr uma formação. Para saber se os egressos estavam inseridos no mercado de trabalho e atuando nas respectivas áreas de formação, perguntou-se em que atividade estavam trabalhando.

73% dos entrevistados, como mostra o gráfico 13, responderam que trabalhavam na agropecuária.

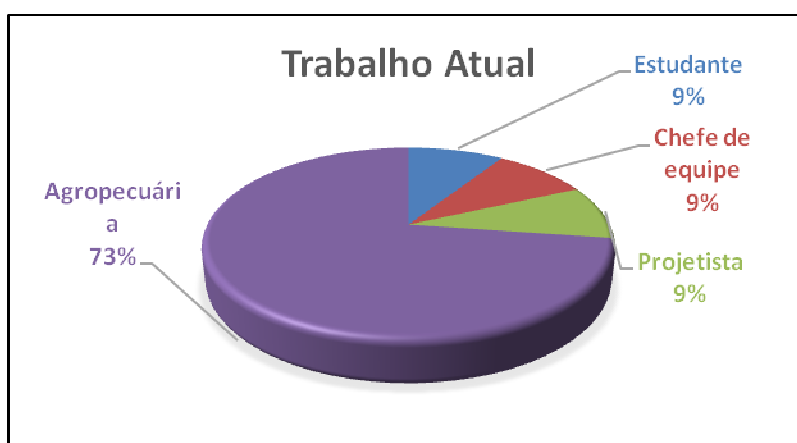


Gráfico 13 – Atual Área de Trabalho dos Ex-Alunos

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Vê-se que a grande maioria se encaixou na área relacionada à formação obtida. Alguns conseguiram passar em concurso público e, no momento da pesquisa, atuavam como técnicos na Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima (Aderr). Outros investiram na formação estudantil; outros ainda, na qualificação profissional em diferentes áreas.

Uma pequena parte estava trabalhando em empresas agroflorestais e prestando consultoria em projetos para produtores rurais. Outros continuavam se qualificando por meio de estudos de pós-graduação.

Qualificação de qualidade é o passaporte para entrada no mercado de trabalho, embora a permanência e a estabilidade perpassem pelo compromisso e pela ética durante o exercício da profissão. Diante do sucesso obtido pelos egressos, pode-se afirmar que o *Campus Novo Paraíso* está cumprindo bem a sua missão.

Interrogados se a população em geral sentia que os arranjos produtivos locais haviam melhorado com a formação dos jovens, e até dos adultos, no ramo da agropecuária, atividade predominante na região, a maioria dos entrevistados (91%), conforme mostra o gráfico 14, respondeu acreditar que sim, pois as produções estavam bem melhores com o emprego das técnicas aprendidas e muitos ex-alunos tinham conseguido trabalho na área de assistência técnica.

No entanto, uns responderam que o avanço tinha sido pouco, visto que alguns dos formados não estavam atuando e nem trabalhando no ramo. Também citaram o fato de os mais velhos, por terem aprendido na prática, não aceitarem instruções dos mais novos.



Gráfico 14 – Melhora dos Arranjos Produtivos Locais

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Um dos propósitos da Lei 11.892/08, além da expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, iniciada com as unidades descentralizadas, era melhorar os arranjos produtivos locais com a formação de jovens e adultos. Para a implantação dessas unidades, perguntava-se quais eram as culturas que predominavam na localidade onde seriam instaladas. Em Novo Paraíso, as culturas em destaque eram, e continuam sendo, a agricultura e a agropecuária.

Como revelam os dados, o objetivo da lei está sendo alcançado pelo *Campus Novo Paraíso* com a melhoria dos arranjos produtivos da localidade, e população está vendo essa transformação.

3.4 Resultados e Realidades

Sabe-se, lê-se e ouve-se falar muito sobre a importância da imagem e da fotografia como testemunhas de fatos, e até de adventos da própria história. O emprego da fotografia em pesquisas científicas vem crescendo e ganhando espaço nas mais variadas áreas das ciências, com maior destaque nas humanas e nas representações sociais.

Quando o pensamento do pesquisador se funde com a mensagem da fotografia, o resultado se materializa em expressão e linguagem narrativa, porque se busca usar as fotografias como parte do processo, e não apenas como ilustração do trabalho. A obra *Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica Notas e Reflexões*, que recebeu o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012, explana do seguinte modo essa relação entre pesquisa e fotografia:

A função crítica que a fotografia assume na pesquisa social, como bem aponta o autor ao longo desse livro, resulta da forma como se fundamenta a sua prática no âmbito da pesquisa. Assim, utiliza-se a fotografia para produzir registros que servem de atestado de presença de certos fenômenos sociais, mas que só se tornam eficientes se amparados pela competência fotográfica, que é própria a um uso adequado da linguagem fotográfica. Paralelamente, é pela inserção do sujeito- pesquisador-fotógrafo na situação investigada, que se elabora uma interpretação visualmente densa desse mesmo fenômeno (FUNARTE, 2012, p.6).

Além das entrevistas, a análise foi realizada com base em fotografias, comparando o antes e o depois da passagem dos ex-alunos pelo CNP e avaliando as mudanças sociais, econômicas e profissionais decorrentes da formação recebida. Ronaldo Entler (2007, p.29), no artigo “Fotografia, Arte e Representação do Tempo”, discorre sobre a ligação entre espaço, tempo e fotografia. Ele afirma que:

A fotografia é um recorte de tempo e espaço. Assim usualmente a definimos, mas tempo e espaço são variáveis que têm merecido níveis desiguais de atenção em nossas reflexões. Como todas as artes visuais, a fotografia suscita muitas questões sobre o espaço, porque diz respeito àquilo que é efetivamente visível: a imagem fotográfica é ela própria um espaço, uma superfície que oferece a representação de um outro espaço, aquele que faz parte do que chamamos de realidade. É, em geral, a relação entre esses espaços a passagem de um ao outro que nos esforçamos para compreender, pois duvidamos da simples coincidência entre eles.

A educação liberta e emancipa, como muito bem discorre o patrono da educação brasileira, Paulo Freire. E, quando uma pesquisa se apoia em bases atípicas, como a fotografia, por exemplo, tem-se a sensação de libertação e emancipação do modo de pesquisar tradicional. Na concepção do autor desta pesquisa, Freire supera essa concepção quando formula as bases para uma educação libertadora:

Uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens. Esta educação exige que os homens e as mulheres estejam engajados na luta para alcançar a libertação, em um processo incessante de conquista que se dá na comunhão com os outros, o qual resulta de uma conscientização em que os homens e as mulheres (crianças, jovens e adultos) compreendem a sua vocação ontológica e histórica de ser mais (FREIRE apud MENEZES e SANTIAGO, 2014, p.10).

Observando as fotografias que vêm a seguir, pode-se notar essa ação libertadora da educação. Segundo um dos egressos, o ir além só veio quando teve o encontro com o *Campus* Novo Paraíso:

Estudar no *Campus* Novo Paraíso foi uma experiência muito boa pra mim, que sou da primeira turma. Logo no início, tivemos algumas dificuldades com transporte e alimentação, porque tínhamos que pagar o alimento e a condução. Mas isso faz parte de toda unidade de ensino quando inicia suas atividades. Mas o curso foi excepcional para mim, pois permitiu que eu abrisse a cabeça para ir além do ensino e não procurar qualquer coisa. O incentivo da família é importante, mas o convívio no *campus* com pessoas de outros lugares, com os professores e com pessoas com quem não havia tido contato antes permitiu que me interessasse em buscar algo a mais. E foi isso que eu fiz. O Instituto Federal de Roraima ter vindo foi importante pra mim e para os amigos com quem tenho conversado, pois os cursos permitiram que tivéssemos uma profissão, conhecimento técnico, porque antes a maioria trabalhava só na roça e não tinha uma cabeça aberta para outras oportunidades. Agora vivem outra realidade e contribuem para o desenvolvimento local. Para mim, o CNP proporcionou grandes possibilidades. Após eu sair, tive a oportunidade de embarcar numa graduação. Hoje sou formado em Ciências Biológicas, sou biólogo e estou entrando no mestrado. Passei em primeiro lugar para o mestrado em Ciências Biológicas em Entomologia em uma das mais conceituadas instituições da Região Norte e, quando eu terminar, pretendo seguir para o doutorado; antes eu não imaginava essa possibilidade.

A humilde casinha onde a família do egresso morava vai, aos poucos, ficando apenas na memória. Logo vai fazer parte apenas das lembranças da falta de perspectivas do local. Essa mudança se mostrou reluzente no olhar do entrevistado, que antes extraía açaí para vender e complementar os poucos recursos para o transporte e a alimentação no *campus*. E, pela garra e pela vontade de vencer do rapaz, parece que esse olhar não será mais ofuscado pela escuridão da falta de oportunidades.



Figura 27 – Antiga casa da mãe do egresso classificado em primeiro lugar no mestrado do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa)

Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 28 – Mutirão em família para a reconstrução da casa da mãe do egresso mestrando do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa)
Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 293 – Egresso realizando o extrativismo do açai para custear o transporte para o Campus Novo Paraíso
Fonte: Acervo da família do egresso, 2018



Figura 30 – Mãe e irmã do egresso extraíndo, de forma artesanal, a poupa do açaí para comercialização

Fonte: Acervo da família do egresso, 2018

As duas fotos a seguir são o flagrante de duas realidades de outro egresso. A primeira mostra um menino sofrido, em cima de pedaços rústicos de madeira, no quintal da casa dos pais, tomando banho de chuveiro improvisado. A segunda mostra esse menino, já adulto, como técnico de sanidade animal e vegetal da Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima (Aderr), cargo para o qual foi aprovado em concurso público.

Nota-se que o crescimento do ex-aluno foi completo. Assim ele definiu sua passagem pelo *Campus* Novo Paraíso:

Quando eu entrei no *Campus* Novo Paraíso, ainda era uma criança em formação, introvertida. Meu caráter ainda estava em formação. Antes a expectativa dos jovens aqui da região era terminar o ensino médio e ficar por aqui mesmo. Alguns iam para a Capital, Boa Vista, atrás de fazer um curso superior. No meu caso, não tinha como porque a nossa renda não dava; era muito pouca. A implantação do *campus* aqui foi um marco na minha vida. O instituto mudou a minha vida porque foi graças aos estudos e aos conhecimentos adquiridos na instituição que hoje sou um técnico da Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima. Sempre aprendo mais e também levo o conhecimento à comunidade aqui da região. Dessa forma, estou contribuindo para o desenvolvimento local. O que está acontecendo hoje jamais pensava que seria uma realidade. Sinto-me realizado.



Figura 31 – Egresso, quando criança, tomando banho de chuveiro improvisado no quintal de casa

Fonte: Acervo da família do egresso, 2018



Figura 32 – Egresso, já adulto, formado e concursado, na frente do escritório da Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima, seu local de trabalho à época da pesquisa

Fonte: Acervo da família do egresso, 2018

Esses resultados positivos, além de outros, são fruto da ação dos aguerridos servidores do *Campus Novo Paraíso*, docentes e técnicos administrativos, que não medem esforços para elevar, no dia a dia, o conceito de uma educação profissional promissora, “ensinada no meio do nada”, como muitos diziam no início das obras da unidade de ensino.

Para a gestão da época da implantação, o objetivo era ganhar a confiança da comunidade e dos alunos com proposta de ensino técnico, ou seja, ensinar a produzir com técnica e qualidade. Assim relatou um dos primeiros gestores da unidade de ensino:

Esse objetivo nós conseguimos alcançar. Começamos a desenvolver a produção experimental no próprio *campus*, onde os alunos produziam várias culturas,

como milho, melão, melancia, mamão, entre outras. Aí, para a colheita, convidávamos a comunidade e mostrávamos a produção, fruto das atividades dos filhos e das filhas deles que estudavam no CNP.

Sequência de Fotos do Início da Produção no CNP



Figura 33 – Aula prática de campo, preparação de solo para plantação experimental do curso Técnico em Agricultura

Fonte: Acervo do *Campus Novo Paraíso*, 2018



Figura 34 – Colheita da melancia, resultado das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura

Fonte: Acervo do *Campus Novo Paraíso*



Figura 4– Exposição de melão, duas cultivares diferentes, resultado prático das atividades do curso Técnico em Agricultura
Fonte: Acervo do *Campus Novo Paraíso*, 2018



Figura 36 – Exposição para convidados e comunidade, seguida de degustação no dia da colheita
Fonte: Acervo do *Campus Novo Paraíso*, 2018



Figura 37 – Mostra dos resultados das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura

Fonte: Acervo do Campus Novo Paraíso, 2018



Figura 5 – Mostra dos resultados das atividades práticas dos alunos do curso Técnico em Agricultura com a cultura e a produção de milho

Fonte: Acervo do *Campus* Novo Paraíso, 2018

“Eu já capinei muito quintal e fiz outros bicos quando apareciam aqui nestas vilas”, assim iniciou a entrevista o egresso que, à época da pesquisa, trabalhava como chefe da equipe de plantação de dendê da Indústria de Biocombustíveis Biofuelles, a qual em breve iria iniciar a produção em escala industrial no Município de Caroebe, sul do Estado de Roraima. Trata-se de um jovem tímido, que deixou claro que não tinha um norte para sua vida antes de formar-se como técnico em agropecuária no *Campus* Novo Paraíso. A

incerteza de um futuro mais digno agora fazia parte do passado, pois estava exercendo a profissão no local onde vivia, como se pode observar no depoimento a seguir:

Eu estava no segundo ano em uma escola aqui de Caroebe quando fiquei sabendo que o instituto estava começando as atividades aqui. Consegui entrar. Na época, eu já estava no segundo ano do ensino médio e tive que voltar para o primeiro. Fui criticado por isso, mas segui em frente. Eu não recebia nenhum incentivo. Só usava o transporte da prefeitura para ir ao *campus*. Eu me virava sozinho. Cuidava do meu pai, que já faleceu, e hoje cuido da minha mãe. Comprei uma casa e estou pagando. Hoje eu trabalho aqui porque sou um técnico em agropecuária formado pelo Instituto Federal de Roraima. Cuido de uma equipe e dou as orientações técnicas. Esse é o meu trabalho hoje! E todos os colegas que também se formaram comigo estão bem, estão trabalhando, seja na área privada ou na área pública. Muitos passaram em concursos e são técnicos de fiscalização do Estado de Roraima. Sair de uma vida de bicos para uma atividade com qualificação em que somos valorizados faz a gente se perceber como pessoa, e poder contribuir para o desenvolvimento é gratificante. Hoje eu posso dizer que faço isto: contribuo para o desenvolvimento do meu estado. Estudar em uma boa escola e se dedicar é o que faz a oportunidade acontecer para você; foi assim para mim.



Figura 39 – Egresso orientando equipe no plantio de mudas de dendê no campo de produção da Indústria de Biocombustíveis Biofuelles, local onde, por ocasião da pesquisa, trabalhava como chefe de equipe de campo

Fonte: Acervo do *Campus* Novo Paraíso, 2018

Uma unidade de ensino que celebra os 10 primeiros anos de existência com excelentes resultados, como comprovam os relatos dos egressos, tem muito a comemorar. Em dezembro de 2017, o *Campus* Novo Paraíso realizou uma programação alusiva aos 10 anos de implantação, quando deu início, em 2007, às suas atividades pedagógicas como Unidade de Ensino Descentralizada do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (Cefet-RR), com os cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Agricultura.

A unidade, no momento da pesquisa, estava atendendo cerca de 400 estudantes nos cursos técnicos em Agropecuária, Agricultura, Agroindústria e Aquicultura, e tinha iniciado uma nova fase de sua existência com a verticalização do ensino. No primeiro semestre de 2018, implantou o curso superior de Agronomia – um importante marco histórico.



Figura 40 – Placa de publicidade, na entrada do Campus Novo Paraíso, fazendo referência às comemorações alusivas aos 10 anos de implantação da unidade de ensino

Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 41 – Layout em madeira doada pela Ibama ao CNP

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Para o funcionamento e o apoio ao ensino, à pesquisa, à extensão e à inovação tecnológica, o *campus* dispõe de ampla estrutura, que contempla, além de salas de aula, alojamento, refeitório, biblioteca, laboratórios e ambientes práticos no campo. Isso possibilita uma formação completa dos futuros profissionais.

Fazer sempre mais pela Amazônia, região onde o Estado de Roraima se localiza geograficamente, faz parte da missão do CNP. Mesmo estando distante dos grandes aparatos tecnológicos e sofrendo por causa da pouca infraestrutura disponível, a unidade tem sido destaque na pesquisa aplicada e na inovação tecnológica.

O *campus* desenvolve vários projetos em linhas de pesquisa como as de produção vegetal e animal, ciência e tecnologia de alimentos, e energia renovável. Desse modo, contribui, de forma sustentável, para o desenvolvimento da região. Em agosto de 2017, ficou em evidência ao apresentar à sociedade roraimense a lenha ecológica composta de resina de breu e resíduos orgânicos, cujo pedido de patente foi depositado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). Novas pesquisas sobre outras fontes geradoras de energia estão em andamento no CNP.



Figura 42 – Lenha ecológica (pesquisa desenvolvida no CNP)
Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 43 – Lenha ecológica (pesquisa desenvolvida no CNP) à base de serragem, palha de arroz ou outro resíduo misturado a uma resina vegetal para formação do briquete
Fonte: Autor da dissertação, 2018

4 CONCLUSÕES

Este capítulo trata das conclusões da pesquisa, cujo objetivo principal era identificar a importância do *Campus* Novo Paraíso para a comunidade local e/ou região sul de Roraima. Trata também das conclusões acerca dos objetivos específicos e das recomendações julgadas pertinentes.

Ao proceder ao levantamento dos dados para verificar a relação entre os sujeitos pesquisados e as mudanças ocorridas em suas vidas, na comunidade e na região após a realização do curso, foi observado que os aspectos pós-curso seguem, em sua maioria, conforme proposto durante a instalação do *Campus* Novo Paraíso. Mas, como em todos os segmentos da vida, nada é unânime, também surgiram, entre os sujeitos da pesquisa, os que se encontraram profissionalmente ao longo do curso e os que o fizeram apenas por falta de opção. Acerca disso, Ghedin e Pereira (2016, p.428) afirmam que:

O ensino-aprendizagem, em seus modelos e paradigmas correntes, tem sido construído por meio da transmissão de um saber cristalizado, ou seja, de conhecimento herdado e conservado por uma tradição que se mantém reacionária, por ser obediente a um tradicionalismo retrógrado e contrário à reconfiguração do ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, opõe-se à liberdade, por isso é sectário da reação política e social, portanto dogmático e autoritário. Essa prática vem sendo exercida nas instituições educacionais há muito tempo. Tal produtividade inibe o pensamento crítico e criativo, estorvando também a afetividade.

O objetivo geral deste trabalho foi avaliar o desenvolvimento de Novo Paraíso e do seu entorno, bem como dos egressos dos cursos iniciais do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, em decorrência da implantação deste. Os dados foram coletados por meio de fotografias do acervo pessoal e familiar dos ex-alunos, além de entrevistas e documentos.

Alcançou-se o objetivo, apesar das dificuldades encontradas. No atual mundo pós-moderno, as pessoas já não se preocupam em arquivar suas lembranças, como se fazia no passado, quando objetos e joias eram guardados como memórias familiares. Os velhos álbuns já não são mais tão importantes assim. A maioria das famílias descarta as fotografias que poderiam resgatar as histórias do convívio familiar e fraternal.

Por meio dos fragmentos recuperados, identificou-se que as mudanças e as transformações foram além das expectativas do pesquisador. Durante a coleta dos dados, foram localizados egressos que se diziam realizados por causa da oportunidade de haver se formado como técnicos no CNP. A maioria desfrutava de estabilidade profissional. Alguns haviam sido aprovados em concursos na esfera estadual; outros trabalhavam em empresas ligadas à pecuária, à agricultura e ao meio ambiente.

A pesquisa demonstrou que houve transformações em todos os contextos. Tanto os egressos quanto suas famílias evoluíram, bem como as localidades onde residiam, em razão da formação profissional recebida na unidade de ensino do IFRR. Os ex-alunos estavam atuando como profissionais respeitados na região. Graças a essa atuação, a localidade onde estavam vivendo e o entorno tinha se desenvolvido e continuavam avançando. As comunidades haviam renovado a esperança de progresso também com a chegada de indústrias e de outras atividades econômicas. Essas foram as condições encontradas na região sul do Estado de Roraima dez anos após a implantação do *Campus* Novo Paraíso.

Profissionais cuidando da sanidade de rebanhos, protegendo o estado com fiscalização fitossanitária em fronteiras ou na divisa do Estado de Roraima com o vizinho

Estado do Amazonas, famílias contentes com as atividades desempenhadas pelos filhos... Esses foram os resultados encontrados na maior parte das localidades onde a pesquisa foi realizada.

Além disso, os empregadores se mostraram contentes por ter acesso a profissionais habilitados e prontos para atuar de imediato com técnicas que não deixam a desejar, em nenhum aspecto, às utilizadas por profissionais de outras localidades e também de outras regiões do País.



Figura 44 – Atividade de vacinação contra a febre aftosa realizada em comunidade indígena da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol sob a coordenação de egresso do CNP e servidora da Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr)

Fonte: Acervo do egresso, 2018



Figura 45 – Atividade de vacinação contra a febre aftosa realizada em comunidade indígena da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol sob a coordenação de egresso do CNP

Fonte: Acervo do egresso, 2018

Realizar este trabalho usando a fotografia como parte complementar das informações foi muito instigante. Sabia-se que seria difícil encontrar, no atual contexto, um acervo de fotografias impressas, porque, com o avanço tecnológico, o registro tradicional das memórias familiares está caindo em desuso e sendo substituído por meios eletrônicos e

tecnológicos como os *smartphones*. Dessa forma, as memórias são facilmente descartadas com a mesma facilidade com que são registradas.

No entanto, houve a superação desse obstáculo. Conseguiu-se reunir fotografias do acervo pessoal dos ex-alunos e analisá-las à luz dos seus relatos sobre os cursos e as mudanças ocorridas em suas vidas. Portanto, apesar das dificuldades encontradas, os objetivos da pesquisa foram alcançados.



Figura 46 – Casa de taipa coberta com palha de buriti, realidade das moradias nas vicinais da região sul de Roraima antes da implantação do CNP

Fonte: Acervo do egresso, 2018



Figura 6 – Casa de madeira coberta com telha de fibra no Município de Caroebe, estilo de moradia que começa a mudar nas vilas e nas vicinais

Fonte: Acervo do egresso 2018

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho começou a ser pensado durante o III Fórum de Integração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (III Forint), ocorrido no *Campus* Novo Paraíso, em 2015. Na ocasião, depois das atividades do evento, à noite, um grupo de servidores, do qual fazia parte o pesquisador, se reuniu para um momento de descontração na residência de um dos docentes da unidade de ensino.

Durante a conversa, o pesquisador perguntou ao professor se o *campus* estava cumprindo o que preconiza a Lei 11.892/2008, que trata da implantação dessas unidades em áreas carentes da presença do Estado.

A lei afirma que, por meio dos arranjos produtivos locais, as comunidades onde as unidades descentralizadas são instaladas devem ser estimuladas à produção e os jovens capacitados para que as famílias do entorno permaneçam em suas propriedades, melhorando a produtividade e gerando renda para uma melhor qualidade vida dos agricultores e dos moradores das vilas e dos municípios mais próximos das unidades de ensino.

Como a resposta do docente não convenceu o pesquisador, principiou-se uma inquietude no coração deste, levando-o a inscrever-se no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA-UFRRJ) por meio de convênio firmado com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (Convênio PPGEA-UFRRJ e IFRR), cujo resultado é a presente dissertação.

Aprovado no processo de seleção, a pesquisa foi efetivada, embora não se possa falar em finalização, porque, para a ciência, nada é completamente acabado, sobretudo em se tratando de educação. Até mesmo o universo está em constante expansão, conforme afirma o físico alemão Albert Einstein.

Paulo Freire, educador, humanista e defensor da libertação por meio da educação, citando Einstein, declara que a mente de quem tem acesso à educação é uma mente expandida, que nunca mais volta ao tamanho normal. A pesquisa constatou na prática o significado dessa transformação durante as entrevistas feitas com os egressos participantes.

O principal propósito deste trabalho, como o próprio título indica, foi realizar uma reflexão sobre os egressos das primeiras turmas do CNP depois de dez anos de existência do *campus*, além de verificar as mudanças sociais e econômicas decorrentes da implantação da unidade de ensino na região sul de Roraima. A incursão em busca de informações para subsidiar a produção desta dissertação foi ficando mais interessante a cada passo dado.

A princípio, analisou-se o projeto de criação e implantação da Uned de Novo Paraíso, pensado para a região sul de Roraima. Percebeu-se que foram realizados ajustes ao longo dos anos e que esse processo de mudança, de adaptação, continua. As adaptações foram necessárias porque muita coisa mudou em dez anos nas áreas pedagógica e tecnológica. As transformações prosseguem num ritmo cada vez mais acelerado. Elas são perceptíveis no pensamento, no comportamento e na inquietude dos jovens, que também mudaram ao longo de uma década.

Observou-se que, no primeiro decênio de existência, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, por meio do *Campus* Novo Paraíso, como instituição do Poder Executivo federal, também sofreu com os cortes financeiros ocorridos no Brasil nos últimos anos. É sempre assim: quando a conta não fecha, a ciência e a educação são as primeiras a sofrer com o contingenciamento. Porém, isso não desestimulou os servidores da unidade de ensino, porque, durante essa primeira década,

houve avanços significativos no *campus*. Um deles foi a verticalização do ensino médio técnico para o ensino superior.

Na pesquisa, também se buscou conhecer histórias, analisar documentos, visitar egressos, chegar até às localidades e fazer parte, embora por pouco tempo, das atividades do dia a dia dos ex-alunos e de suas famílias para poder desenvolver este texto com ênfase na trajetória de vidas transformadas pelo conhecimento propiciado pela educação.

E, como se tudo isso não bastasse, testemunhou-se, no transcorrer da pesquisa, o ciclo de uma década fechar-se e outro iniciar-se. Dois importantes momentos marcaram essa nova fase do *Campus Novo Paraíso*. O primeiro foi o vestibular para o curso superior; o segundo, a aula inaugural do curso.

Em que pese o objeto da pesquisa serem os egressos que fizeram parte da primeira década do *Campus Novo Paraíso*, não se pode deixar um hiato em relação a esse momento ímpar para a região sul de Roraima e para o estado. Portanto, discorrer-se-á sobre o processo de implantação do primeiro curso superior no CNP.

A verticalização do ensino, promovida pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, está prevista no artigo 6.º da Lei 11.892/2008:

Art. 6.º Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

- I – Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II – Desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- III – Promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;
- IV – Orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- V – Constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;
- VI – Qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
- VII – Desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;
- VIII – Realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;
- IX – Promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (BRASIL, 2008).

O primeiro curso superior do *Campus Novo Paraíso*, o Bacharelado em Agronomia, foi aprovado pelo Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (Consup-IFRR), órgão máximo da instituição, no dia 21 de dezembro de 2017, como está exposto no texto resolutivo a seguir e na portaria de publicação anexa:

RESOLUÇÃO N.º 330/CONSELHO SUPERIOR, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2017

Aprova, *ad referendum*, o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Agronomia do Campus Novo Paraíso.

A Presidente do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando o Parecer n.º 038/2017-DIPGRAD/PROEN/IFRR, da Diretoria de Políticas de Graduação do IFRR, constante no Processo n.º 23230.000175.2017-65,

RESOLVE:

Art. 1.º Aprovar, *Ad referendum* do Conselho Superior, o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Agronomia do *Campus* Novo Paraíso, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR, conforme o anexo desta resolução.

Art. 2.º Que esta Resolução entre vigor na data de sua publicação.

Dê-se ciência, publique-se e cumpra-se.

Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, em Boa Vista-RR, 21 de dezembro de 2017.

SANDRA MARA de PAULA DIAS BOTELHO
Presidente

Encerrada a fase de tramitação e homologação no Conselho Superior (Consup), seguiu-se o rito dos prazos legais do processo para que ocorresse o vestibular do curso de Agronomia do CNP. A tão sonhada publicação do edital pela comunidade finalmente ocorreu no dia 2 de janeiro de 2018.

A matriz curricular do curso tem uma carga horária de 3.825 horas. Ele está dividido em nove semestres e tem duração de quatro anos e meio. O funcionamento ocorre em turno integral, das 8h às 21h. O primeiro vestibular ofertou 35 vagas para o semestre 2018.1, divididas entre ampla concorrência, pessoas com deficiência e ações afirmativas. As inscrições foram realizadas de 15 a 31 de janeiro de 2018; as provas, aplicadas no dia 18 de fevereiro. Dos 145 inscritos, compareceram 118.



Figura 48 – Primeiros candidatos chegando ao CNP para realizar as provas do vestibular do curso de Bacharelado de Agronomia

Fonte: Autor da dissertação 2018



Figura 49 – Candidatos realizando as provas do primeiro vestibular do Bacharelado de Agronomia do CNP

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Encerrada a etapa pós-certame, composta por recursos e entrevistas com os candidatos das ações afirmativas, enfim chegou o grande dia. O *Campus* Novo Paraíso, que, começara, havia dez anos, com os cursos técnicos em Agricultura e Pecuária, iniciou, na tarde de segunda-feira do dia 16 de abril de 2018, uma nova fase com as primeiras atividades do curso superior de Agronomia.



Figura 50 – Reitora do IFRR dando as boas-vindas aos acadêmicos do primeiro curso superior do CNP (Bacharelado em Agronomia)

Fonte: Autor da dissertação, 2018

Para dar início à nova fase, a professora Sônia Sena Alfaia, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa-AM), foi convidada para ministrar a Aula Magna, que ocorreu na biblioteca da unidade de ensino. Ela discorreu sobre o tema “Agricultura familiar e sustentável no contexto amazônico”.



Figura 51 – Aula Magna na biblioteca do CNP com os primeiros acadêmicos do curso de Agronomia da unidade

Fonte: Autor da dissertação, 2018

A turma pioneira de ensino superior é composta por egressos do ensino médio técnico do CNP. Um deles, Savio Ferreira, relatou que foi uma satisfação voltar para o *campus* para cursar o ensino superior:

Esta estrutura de qualidade aqui e a oportunidade que o IFRR ofereceu me levaram a lutar para voltar e continuar os estudos aqui mesmo. Sinto-me muito feliz. O ensino técnico já é uma grande oportunidade, e agora, com o superior, nós, aqui da região, temos uma oportunidade que é difícil até de mensurar o tamanho.

Encerradas as atividades do primeiro dia do curso, após a Aula Magna, no fim da tarde, a reitora do IFRR, Sandra Mara de Paula Dias Botelho, com os convidados, os servidores e os acadêmicos, realizou o plantio de uma maçaranduba (madeira de lei), árvore típica da Região Amazônica e de grande resistência. A muda foi plantada

coletivamente como símbolo da primeira turma do Bacharelado em Agronomia, que tem a responsabilidade de iniciar uma nova fase e uma nova década não só de desenvolvimento mas também de pensamento crítico.



Figura 52 – Egresso do ensino médio técnico do CNP aprovado no primeiro vestibular de Agronomia da unidade de ensino

Fonte: Autor da dissertação, 2018



Figura 53 – Plantio de uma maçaranduba, árvore símbolo da turma pioneira do curso superior de Agronomia do Campus Novo Paraíso

Fonte: Autor da dissertação, 2018

A contínua missão de educar e preparar uma comunidade, um estado ou uma nação, esse tem sido o ofício de homens e mulheres vocacionados pelo ensino, e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), por meio do *Campus* Novo Paraíso (CNP), está cumprindo a missão institucional e o compromisso assumido com as comunidades dos municípios do sul de Roraima, apesar das dificuldades enfrentadas por causa dos cortes de verbas para a educação e a ciência. É uma resposta de que em educação não há gasto, mas investimento.

Ver uma unidade de ensino completar 10 anos dando de presente um curso superior aos jovens dos confins da Amazônia é a comprovação de que ela está dando os passos certos rumo ao horizonte do saber e do fazer.

A prestação de serviços com qualidade é essencial para a sobrevivência de qualquer organização nos tempos atuais. Isso não é diferente em se tratando de educação, já que esta é responsável pela formação intelectual e crítica do povo e, conseqüentemente, pela transformação da realidade social.

Nessa perspectiva, este estudo buscou, com base em diversas teorias, avaliar a qualidade dos serviços prestados pelo *Campus* Novo Paraíso à população da região sul do Estado de Roraima. Para tanto, aplicou-se um questionário (roteiro de entrevista) aos egressos dos primeiros dez anos do CNP.

O estudo também buscou entender a escola, como um todo, por meio da visão de seus principais atores. Procurou, com base nas diferentes percepções dos ex-alunos, identificar os fatores que mais influenciam na qualidade do ensino e no cumprimento da missão institucional.

É importante destacar que esses tipos de percepção devem ser avaliados para o oferecimento de serviços educacionais de qualidade. É preciso realizar o diagnóstico das reais necessidades locais antes de proceder a um graúdo investimento. É preciso saber o que se encaixa para o público que se pretende atender. Em Novo Paraíso, tudo isso foi levado em consideração, conforme consta nos anais de implantação e instalação da Uned. Por isso, este trabalho optou pela escolha dos ex-alunos como alvo principal da pesquisa, seguindo a teoria sustentada por Dourado e Libâneo.

Conforme mencionado, os procedimentos da pesquisa compreenderam a aplicação de questionário (roteiro de entrevista) aos ex-alunos do *campus*. Esse procedimento mostrou-se adequado para o alcance dos objetivos propostos e para a coleta das informações e a conseqüente realização da análise.

Convém salientar que não houve grandes dificuldades para a realização da pesquisa. Além disso, o resultado facilitará a verificação dos pontos positivos e negativos.

Detectaram-se muitos pontos positivos no sistema de gerenciamento do *Campus* Novo Paraíso (IFRR). Desse modo, pode-se afirmar que a implantação do *campus* colaborou com o desenvolvimento das comunidades locais e do entorno. Entretanto, existem aspectos que precisam ser aprimorados.

Esta pesquisa limitou-se à análise do *Campus* Novo Paraíso. Portanto, sugere-se, como continuação, a realização de pesquisa mais abrangente, ou seja, em todos os *campi* do IFRR, bem como na Reitoria, responsável pela coordenação dos investimentos de toda a instituição.

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica tem papel fundamental na produção do conhecimento, no fomento ao empreendedorismo e no desenvolvimento de profissionais qualificados para o mercado de trabalho, como era a missão das escolas técnicas e como é hoje a missão dos institutos federais.

Por isso, a escola precisa estar integrada à sociedade para cumprir bem o seu papel. A sintonia entre as instituições de ensino públicas e as demais instituições sociais contribui para a melhoria da qualidade do ensino. Entretanto, o ensino não deve ficar restrito. “A escola pública é uma instituição que tem o compromisso voltado à democratização do ensino. Democratizar o ensino é permitir a todos o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade (LAGAR *et al.*, 2013, p. 44).”

Segundo Libâneo (2007), são três os objetivos da escola: (1) “preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; (2) formação para a cidadania crítica e participativa; e (3) formação ética”. O primeiro mostra que ela deve preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, inseri-lo no meio tecnológico e capacitá-lo a compreender e usar as novas tecnologias, bem como promover a sua formação sociocultural. O segundo aponta para a formação de um aluno capaz de exercer plenamente a cidadania, compreender e aplicar os direitos e os deveres individuais, ser

crítico e participar dos processos de transformação da sociedade, opinando e interferindo positivamente. O terceiro aponta para uma formação ética, que compreenda os valores morais e a ideia de limites, de certo e de errado.

Em relação a esses objetivos, conforme revelou a pesquisa, o *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima vem cumprindo bem o seu papel social. Tem funcionado como mola propulsora do desenvolvimento da região sul de Roraima mediante o ensino de técnicas voltadas para o trabalho no campo, respeitando os arranjos produtivos locais. Os cursos ofertados têm promovido não só a formação técnica, profissional e científica mas também a formação ética e moral.

Por tudo isso, espera-se que este estudo contribua para dar visibilidade ao *Campus* Novo Paraíso, referência em educação no sul de Roraima, e que sirva de estímulo para a realização de novas pesquisas no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima e de outras instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Os objetivos definidos para a realização deste estudo foram alcançados devido à relação estabelecida entre teoria e prática. Constatou-se que o IFRR está cumprindo o papel proposto quando da instalação da Unidade de Ensino Descentralizada de Novo Paraíso.

Mas, como tudo na vida necessita de ajustes, o *Campus* Novo Paraíso precisa de investimentos para melhorar e ampliar o atendimento à população da região sul de Roraima. Tendo em vista contribuir para isso, novos horizontes estão sendo abertos por meio desta pesquisa, que pode ser ampliada para os demais *campi* do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, além da Reitoria, a fim de oferecer um diagnóstico completo dessa instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica instalada no estado mais setentrional do Brasil.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Mário Sebastião Cordeiro. **A precariedade do financiamento e os desafios:** o caso das duas Escolas Famílias Agrícolas em região de acentuada pobreza no Brasil. Brasília, UNL: 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Brasília.

ALVES, Rosa Cristina Porcaro. **Análise de uma Escola Família Agrícola como Proposta Pedagógica para o Meio Rural.** UFV, MG, Dissertação (Mestrado), 1994.

ANDRADE, Márcio. **Formação de Lideranças e Pedagogia da Alternância:** um estudo do itinerário de três jovens reconhecidos como líder. Brasília, UNL: 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Brasília.

BARRIONUEVO, Agostinho. **Sucesso Profissional, Formação Formal e Experencial:** Estudo de Fatores – chave no itinerário de um agricultor. Brasília, UNL: 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Brasília.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATISTELA, Airton Carlos. **Filosofia e Posicionamentos para a Educação no Meio Rural** – Pedagogia da Alternância. PUCRS, Porto Alegre/RS, Dissertação de Mestrado. 1996. 160p.

BAUER, M. W e Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 2002. Rio de Janeiro: Vozes, 2 ed.

BURKE, Peter, 1937- **Testemunha Ocular:** o uso da Imagem como evidencia histórica/Peter Burke; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. – São Paulo: Editora UNESP, 2017.

DIDI, Huberman, Georges, 1953 – **Diante da Imagem:** questões colocadas aos fins de uma história da arte/ Georges Didi- Huberman; tradução de Paulo Melo Neves, - São Paulo Editora 34, 2013 (1 Edição).

ENTLER, Ronaldo. **A fotografia e as representações do tempo.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007.

FLUSSER, V.. **Filosofia da caixa preta:** Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

DUARTE, Antonio de Paiva. SERRA Alice Mara. FREITAS Romero Alves. **Imagem, imaginação, fantasia:** 20 anos sem Vilém Flusser / organização. 1. ed. – Belo Horizonte, MG: Relicário, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

MAUAD, Ana Maria , **Prêmio Funarte** Marc Ferrez de Fotografia 2012.

MONTEIRO, Marcos Antonio (Coord.). **Retrato Falado da Alternância**: Sustentando o Desenvolvimento Rural Através da Educação. São Paulo: FIT, CEETEPS, 2000.

PERES, Fernando Curi (Ed.). **Projovem. A Experiência do Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais**. Piracicaba: ESALQ, 1998.

PESSOTI, Alda Luiza. **Ensino Médio Rural**: as Contradições da Formação em Alternância. Vitória: UFES/Secretaria da Produção e Difusão Cultural, 1995. 145p.

RIPPER, João Roberto. **Entrevista com o fotógrafo João Roberto Ripper**. Disponível em <<https://imafotogaleria.wordpress.com/2010/07/23/leia-a-entrevista-com-o-fotografo-joao-roberto-ripper/>> acesso em 13/06/2016.

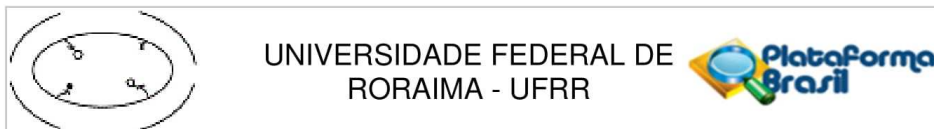
SILVA, Edvaldo P. **Pedagogia da Alternância**: Uma Proposta Metodológica para a UNED Novo Paraíso. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola), Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2008.

SILVA, Eliezer Nunes. Dissertação Mestrado em Educação Boa Vista/RR, dezembro de 2016.

ZILLER, R. C. **Photographing the self**. Newbury Park: Sage, 1990.

7 ANEXOS

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O QUE ACONTECEU COM A PRIMEIRA TURMA DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUARIO DO CAMPUS NOVO PARAÍSO DEZ ANOS DEPOIS?(UM FOCO NA SUBJETIVIDADE SOCIAL LOCAL)

Pesquisador: antonio soares

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 76185617.5.0000.5302

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.442.558

Apresentação do Projeto:

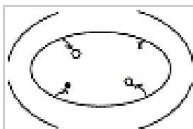
O protocolo de pesquisa retorna para sanar pendências. O presente projeto de pesquisa estabelece como sujeito da investigação os egressos do primeiro curso Técnico em Agropecuária do Campus Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, localizado na região sul do Estado de Roraima, no Município de Caracará. O estudo será pautado na análise fotográfica, focando na subjetividade social desses ex-alunos do CNP agora inseridos profissionalmente na comunidade geral da região como mão de obra para o desenvolvimento local. A fotografia será um meio de verbalização e de expressão do ambiente natural e profissional do público-alvo, retratando o antes e o depois da conclusão do curso, bem como o cotidiano e o convívio familiar. Utilizar-se-á o método qualitativo e exploratório para a coleta das informações e procurar-se-á interpretar as fotos coletadas com as famílias e com os ex-alunos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar um estudo sobre a subjetividade social de alunos egressos do curso Técnico em Agricultura do Campus Novo Paraíso – CNP, através de

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufrr.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA - UFRR



Continuação do Parecer: 2.442.558

fotografias de seus acervos pessoais e familiares.

Objetivo Secundário:

Conduziremos uma reflexão sobre a trajetória de vida dos alunos focalizando as mudanças que se passaram em suas vidas depois do curso Técnico em Agropecuária do Campus Novo Paraíso – CNP, bem como as transformações sociais das localidades atendidas pela unidade, tendo como base os arranjos produtivos locais. Reuniremos fotografias do acervo pessoal destes alunos para analisá-las a luz dos seus relatos sobre o curso e sobre as mudanças de suas vidas

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo a Resolução 466/12 CNS, Os riscos da pesquisa estão relacionados aos participantes poderem-se sentir-se constrangidos durante as entrevistas em não quererem revelar as sua condição social em que poderiam se encontrar ou estarem envolvidos antes da instalação Compus na localidade e ou antes do ingresso dele na unidade de ensino.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa irão contribuir diretamente com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima -

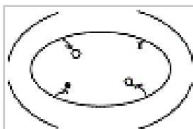
Campus Novo Paraíso além de ser mais uma fonte de embasamento para outros pesquisadores que futuramente desenvolverão pesquisas ligadas ao tema proposto. O estudo trará informações importantes sobre o que aconteceu após dez anos da unidade de ensino ter iniciado suas atividades na região e em que situação e atuação profissional os ex. alunos se encontram além de permitir uma avaliação por da gestão da missão institucional que foi pensada para a região por meio da unidade ensino Campus Novo Paraíso

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa com temática relevante, já que abarca a dimensão subjetiva dos alunos egressos do curso técnico em Agropecuária do Campus Novo Paraíso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima.

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufrr.br

Página 02 de 04



Continuação do Parecer: 2.442.558

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados o TCLE, a carta de anuência da instituição, folha de rosto assinada e carimbada, projeto detalhado.

Recomendações:

As pendências abaixo listadas foram sanadas:

- Anexar o roteiro de entrevistas proposto;
- Explicitar os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa;
- Adequação da redação sobre os riscos da pesquisa, segundo resolução 466/12 CNS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, recomenda-se a aprovação do protocolo de pesquisa. O pesquisador deve somente ajustar o cronograma de atividades para que a coleta de dados ocorra após a aprovação por esse Comitê de Ética.

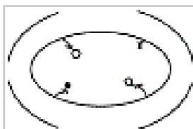
Considerações Finais a critério do CEP:

Acatado conforme reunião do Colegiado do CEP/UFRR

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_910332.pdf	20/11/2017 13:12:40		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ROTEIRODAENTREVISTA.pdf	20/11/2017 13:11:07	antonio soares	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL.pdf	18/11/2017 09:03:26	antonio soares	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cartadeanuencia.pdf	24/07/2017 11:52:09	antonio soares	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	24/07/2017 11:50:40	antonio soares	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoAntooioSoares.pdf	05/07/2017 12:04:10	antonio soares	Aceito

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufr.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA - UFRR



Continuação do Parecer: 2.442.558

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BOA VISTA, 15 de Dezembro de 2017

Assinado por:
MANUELA SOUZA SIQUEIRA CORDEIRO
(Coordenador)

Endereço: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, UFRR, Campus Paricarana, Bloco PRPPG/UFRR, Sala CEP/UFRR.
Bairro: Aeroporto **CEP:** 69.304-000
UF: RR **Município:** BOA VISTA
Telefone: (95)3621-3112 **Fax:** (95)3621-3112 **E-mail:** coep@ufr.br

Página 04 de 04

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Que Aconteceu Com a Primeira Turma do Curso Técnico em Agropecuária do *Campus* Novo Paraíso Dez Anos Depois?
(Um Foco na Subjetividade Social Local)

Pesquisador Responsável: ANTONIO EVALDO SOARES

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa sob a orientação da professora, **Dra. ROSA CRISTINA MONTEIRO**, cujo objetivo é investigar a primeira turma de do curso Técnico em Agropecuária, do *Campus* Novo Paraíso do Instituto Federal de Roraima, (IFRR) e a transformação da realidade local por meio dos arranjos produtivos das região, dez anos após a formação da do referido curso.

Este projeto tem o objetivo de realizar um estudo sobre a subjetividade social de alunos egressos do curso Técnico em Agricultura do *Campus* Novo Paraíso – CNP, através de fotografias de seus acervos pessoais e familiares. Conduziremos uma reflexão sobre a trajetória de vida dos alunos focalizando as mudanças que se passaram em suas vidas depois do curso Técnico em Agropecuária do *Campus* Novo Paraíso – CNP, bem como as transformações sociais das localidades atendidas pela unidade, tendo como base os arranjos produtivos locais.

Reuniremos fotografias do acervo pessoal destes alunos para analisa-las a luz dos seus relatos sobre o curso e sobre as mudanças de suas vidas.

Para tanto, será necessário realizar os seguintes procedimentos, utilizaremos um roteiro de perguntas, porque os dados serão obtidos pelo método de entrevista, anota e grava em áudio e vídeo que fará parte de um vídeo apêndice da pesquisa, se assim você permitir, com duração de até 30 minutos. Durante a execução do projeto, **os riscos da pesquisa** estão relacionados ao participante poder-se sentir-se constrangido durante a entrevista e não querer revelar a sua condição social em que poderiam se encontrar ou estar

Endereço do CEP/UFRR:

Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana), CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR
Bloco da PRPPG-UFRR, última sala do corredor em forma de T à esquerda (o prédio da PRPPG fica localizado atrás da Reitoria e ao lado da Diretoria de Administração e Recursos Humanos - DARH)
E-mail: coep@ufrr.br / Telefone: (95) 3621-3112 Ramal 26

Anexo C – Roteiro de Entrevistas do Projeto

ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO PROJETO

O QUE ACONTECEU COM A PRIMEIRA TURMA DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUARIA DO CAMPUS NOVO PARAÍSO.

(UM FOCO NA SUBJETIVIDADE SOCIAL)

1. Você estudou no *Campus* Novo Paraíso?
2. Qual o ano e qual curso?
3. Qual era o critério de ingresso na época em que você entrou para estudar no *Campus* Novo Paraíso?
4. Qual a modalidade de ensino que foi ofertado a você na época?
5. Qual era a perspectiva escolar que você tinha antes da implantação do *Campus* Novo Paraíso aqui na região sul do Estado de Roraima?
6. Como era sua vida e quais eram os seus sonhos antes do *Campus* Novo Paraíso aqui nessa localidade e agora após você ter concluído o Curso Técnico em Agropecuária e agora que já passou todo esse tempo o que mudou?
7. O conhecimento adquirido contribui em que para sua vida?
8. Sua formação tem contribuído para o desenvolvimento local?
9. Qual era a sua condição social antes da sua formação, e agora dez anos após a sua formação qual é o seu padrão de vida?
10. A instalação do *Campus* Novo Paraíso na sua avaliação tem mudado a realidade local e transformado a vida das pessoas?
11. Qual a avaliação que você faz da qualidade de ensino ofertado pelo *Campus*?
12. Você percebe que a população local e do entorno do *Campus* Novo Paraíso apoia ou não a existência da escola aqui?
13. Você deu sequência a seus estudos ou parou no curso técnico?
14. Em que atividade você trabalha atualmente?
15. Você observa que as famílias dos jovens que já se formaram no *Campus* Novo Paraíso, e a população de modo geral sentem que os arranjos produtivos locais

8 APÊNDICE

Apêndice A – Roteiro de Entrevistas da Pesquisa

Roteiro de entrevistas da pesquisa: O que aconteceu com a primeira turma do curso Técnico em Agropecuária do *Campus* Novo Paraíso dez anos depois da implantação deste?

Perguntas:

1. Você estudou no *Campus* Novo Paraíso?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 - R: “Sim”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 - R: “Sim”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Sim, na turma pioneira”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sim, em 2008”.

2. Qual o ano e qual curso?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “2007 a 2011, Curso Técnico em Agropecuária”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Ingressou em 2017 saiu em 2011, no curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio ”

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “2007, curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Ano 2007, curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Ano de 2010 a 2011”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “2009 -2010”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “2009 a 2011, curso Técnico em Agricultura”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Iniciei em 2007, no curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agricultura”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “2008, no Técnico em Agropecuária”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Técnico em Agropecuária com ênfase em Agricultura”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Técnico em Agropecuária”.

3. Qual era o critério de ingresso na época em que você entrou para estudar no Campus Novo Paraíso?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “solteiro”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 –R: “solteiro”

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “O que excedia o número de vagas era realizado sorteio para ingresso dos alunos”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “O critério eram novos conhecimentos referentes à área do curso Técnico em Agropecuária”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Ser filho de produtor rural”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Ser filho de produtor rural e morar na região do município do Cantá”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Solteiro ”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Solteiro”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Solteiro”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “ Sorteio”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sorteio”.

4. Qual a modalidade de ensino que foi ofertada a você na época?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Integrado Integral”

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Apenas o ensino Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio”

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Integrado ao Ensino Médio”

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Simples e bem básica no começo”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Regime de Alternância”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Regime de Alternância”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Subsequente”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Integrado ao Ensino Médio”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Integrado ao Ensino Médio”.

Entrevista 10: em 21/03/2018-- R: “Integrado ao Ensino Médio”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Integrado ao Ensino Médio”.

5. Qual era a perspectiva escolar que você tinha antes da implantação do Campus Novo Paraíso aqui na região sul do Estado de Roraima?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Concluir o ensino em escola estadual e trabalhar no que fosse preciso”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 –R: “Apenas o ensino médio normal e talvez fazer uma graduação”

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Uma perspectiva até certo ponto otimista por conta do interesse individual, entretanto o ensino público era bem inferior e as perspectivas, mas inferiores”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Era bem simples. Já o estudo do campus era bem avançado”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Fazer faculdade na cidade de Boa Vista”

Entrevista 06 em 20/01/2018 —R: “Poucas oportunidades de estudo”

Entrevista 08 em 17/01/2018 – R: “Praticamente nulo, pois a única opção seria sair do interior (Caroebe), para morar na Capital (Boa Vista)”

Entrevista 09 em 10/03/2018 – R: “Nenhuma trabalhava em casa de família como doméstica e estudava ensino médio na Vila Moderna. Parei de trabalhar e fui estudar, a prefeitura cedia ônibus e alojamentos aos alunos do IFRR do Município de São Luiz”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Concluir o ensino médio e ir pra Capital dar continuidade aos estudos”

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Ter que vir morar na Capital para dar sequência aos estudos”.

6. Como era sua vida e quais eram os seus sonhos antes do Campus Novo Paraíso aqui nessa localidade e agora após você ter concluído o curso Técnico em Agropecuária e agora, que já passou todo esse tempo, o que mudou?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Antes a vida era com pouca perspectiva, mas, depois do curso técnico, a mente se abriu para novas experiências, como um curso superior”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Minha vida era simples e vivíamos da produção do nosso terreno e de programa sociais do governo. Meu sonho era terminar os estudos, conseguir um emprego e me casar. Hoje continuo com uma vida simples, mas tenho sonhos e expectativas maiores, de fazer uma pós-graduação e arrumar um bom emprego”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Sonhos almejados era na parte esportiva com a ida para o São Paulo em busca da vida sonhada por quase todos os brasileiros. Esse período pós-curso técnico nos abre os olhos para a realidade e esclarece o quanto era diferenciado o ensino e quanto somou com a minha vida”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Era bastante diferente e agora melhorou um pouco mais, pois pude me aprimorar na área onde hoje estou trabalhando”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Em minha vida não mudou nada, porque, antes de saber do campus, já tinha planos para Técnico em Agricultura, e agora trabalho na área”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Tinha concluído o ensino médio há dois anos e entrei no curso mais por alta de opção. Com o passar dos anos, passei a gostar de agropecuária a ponto de passar em um concurso público”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Morava com meus pais no interior, sonhava em ser um profissional na área agrícola para tentar mudar a realidade em que meus pais viviam na “roça”, trabalho árduo. Hoje vivo tranquilo, sou funcionário público efetivo do estado através da minha formação”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Almejava independência financeira através de concurso público. Após a conclusão do curso, ingressei em curso de bacharelado em Agronomia e em 2014 passei em concurso público estadual (Aderr)”.

Entrevista 09 em 10/03/2018 – R: “Era modesta, trabalhava fora para complementar a renda familiar. Após concluir, ainda fiquei no interior. hoje sou servidora efetiva do estado ”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 –R: “Ser concursada; passei em concurso publico”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Morava na área rural, situação financeira limitada. Ao concluir o curso, portas se abriram, principalmente concurso público”.

7. O conhecimento adquirido contribui em quê para sua vida?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “A vida profissional melhorou a qualidade de vida”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Contribuiu para despertar meu interesse na busca de novos sonhos, e me permitiu um conhecimento que não seria tão fácil de adquirir aqui no sul de Roraima”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “contribuiu tanto na parte profissional quanto pessoalmente, entrando uma criança e se tornando um cidadão. O conhecimento transforma, além de ajudar os pais com o mesmo conhecimento adquirido no IFRR – Campus Novo Paraíso”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Contribuiu, pois, estou ajudando meus amigos de serviço sobre o que aprendi colocando em prática”.

Entrevista 05: em 20/01/2018 – R: “Mais aprendizado, experiências cada dia tem algo aprender”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Além de contribuir efetivamente para aprimorar as técnicas na área de agropecuária, contribuiu bastante para ingressar em concurso publico e melhorar financeiramente”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Ampla visão na área agrícola, e amo dizer que me tornei uma pessoa melhor”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Em todos os aspectos. Com o IFRR, pude ter perspectiva de vida, pois o ensino médio integrado foi de grande valia, a rede de educação estadual tem ensino defasado. E no IFRR pude corrigir essa enorme defasagem”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Sim, trouxe oportunidade através da profissionalização ”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sim, foram fundamentais para ingressar em cargo público”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sim, para ingressar no mercado de trabalho”.

8. Sua formação tem contribuído para o desenvolvimento local?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “sim”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Ainda não, já que ainda não trabalho na minha área de formação, pois ainda estou estudando”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Sim, o desenvolvimento local tem um ganho com a contribuição de vários profissionais que moram na região e hoje estão inseridos em órgãos públicos ou de iniciativa privada que soma com o local e região”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Sim, pois estou trabalhando na mesma área em que me formei”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Tem, sim, pois, com minha formação, tenho ajudado muitas pessoas em suas plantações, etc.”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sim, após formada, fui ser Secretária Adjunta de Agricultura e depois Adjunta de Meio Ambiente Municipal, além de ter trabalhado como técnica extencionista com SAF, e outros”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Sim, para garantia de qualidade nos serviços de inspeção animal”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sim, em sanidade animal e vegetal”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sim, para o desenvolvimento da Defesa Agropecuária do Estado”.

9. Qual era a sua condição social antes da sua formação? E agora, dez anos após a sua formação, qual é o seu padrão de vida?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Vivia com o essencial, agora tenho mais a realizar como ir a uma pizzaria varias vezes ao mês, poder comprar um presente para minha mãe, para esposa, etc.”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “O padrão de vida de minha família era baixo e ainda continua baixo, mas eu e meus irmãos estamos lutando para melhorar”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “A condição social antes era ainda em formação, acredito que essa formação é contínua, mais o aprendizado foi um marco. Dez anos depois, o padrão de vida mudou bastante para melhor, sempre avançando e evoluindo”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Antigamente minha vida social era bem simples, dependia dos meus pais. Hoje estou trabalhando através dos meus estudos e hoje eu é que ajudo os meus pais”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Regular. Agora, com a formação, com meu trabalho, melhorou muito mais, multiplicou tudo em minha vida e na de meus familiares”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Na época do curso, morava com meus pais, dependia 50% deles. Hoje sou funcionário público e consigo o sustento da minha família graças à minha formação”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Muito melhor hoje do que antes”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Tinha boa condições, pois meus pais eram produtores rurais e tinham boa renda. Porém, hoje a situação é diferente, meus rendimentos complementam a renda familiar”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Filha de agricultores, sem renda fixa, era ruim. Hoje tenho independência financeira e posso me manter e ajudar a família”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Baixa renda, quase zero. Passei necessidades no período em que estudava no IFRR. Hoje tenho renda mensal fixa e posso ajudar meus pais”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sem renda na época e sem perspectiva de melhorar. Hoje tenho renda; sou servidor público efetivo”.

10. A instalação do Campus Novo Paraíso na sua avaliação tem mudado a realidade local e transformado a vida das pessoas?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Sim, pois o instituto Federal permitiu a formação de muitas pessoas dando-lhes uma profissão, na qual muitos já trabalham”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Dos que realmente se interessam e valorizam o Campus Novo Paraíso, sim. Alguns outros vão apenas passar pelo campus e não vão transformar e nem contribuir para sua região e essa tão almejada transformação não vai existir”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Com certeza, pois o Campus Novo Paraíso ofereceu várias oportunidades para as pessoas que queriam mesmo estudar e ter um futuro melhor e novos conhecimentos”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Sim, porque tinha muitas pessoas, quase todos, que não tinham opções de estudo. E, no caso de produtores, teve melhoria no aprendizado”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Com certeza”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Sim.”

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sim, pois pode ser o pontapé inicial para os jovens locais, dispondo de qualidade educacional e um curso profissionalizante, que, além de ser aplicado na atividade familiar, possibilitou o ingresso de muitos no mercado de trabalho”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Muito, trouxe oportunidade aos jovens”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sim, trouxe oportunidade para os jovens do sul do estado, preparando-os para o mercado de trabalho”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 - R: “Sim, trouxe oportunidade aos jovens ”.

11. Qual a avaliação que você faz da qualidade de ensino ofertado pelo campus?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Boa, mas, como todo órgão público, precisa de alguns ajustes que virão com o tempo”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “O ensino é bom e, na minha opinião, é o melhor no sul de Roraima”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “A qualidade de ensino é incontestavelmente muito superior à das redes de ensino estadual e municipal, com profissionais qualificados e realmente preocupados com o aprendizado do aluno, não só com a sua remuneração no final do mês”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “A qualidade de ensino é bem desenvolvida e os estudos de primeira qualidade”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Um bom campus, um ensino de qualidade, ótimos professores, etc.”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “O Instituto Federal é uma instituição renomada e tem uma ótima qualidade e profissionais capacitados”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: Não respondeu.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Excelente. Pelo menos no tempo em que estudei, a grade de ensino era muito boa, com professores qualificados, que, além de preparados, sabiam transferir o conhecimento aos alunos”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Bom, na minha época ainda era complicado. Mas hoje o ensino tem excelência e há estrutura no campus”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Bom, tínhamos bons professores, porém a estrutura na época era precária, sem energia e água por quase um ano”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Bom, na época ainda tivemos problemas, mas hoje o IFRR conta com ótimo corpo docente”.

12. Você percebe que a população local e do entorno do Campus Novo Paraíso apoia ou não a existência da escola aqui?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Sim, apoia, pois a instituição permite que muitas pessoas que não teriam oportunidade tenham uma formação”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “A população, em sua grande maioria, apoia, sim, a existência da escola, muito pela expectativa dessa melhoria local com a inserção de filhos da própria região”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Apoia, sim, porque é um instituto que favoreceu bastantes pessoas a se aprimorar cada vez mais”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Sim, porque muitos não tinham opções para estudar porque na escola existe do básico e vai até o ensino médio e muitos não queriam sair de seus municípios e de suas casas para irem à cidade até porque não tinham moradias e nem condições para estudar fora”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Com certeza apoia e incentiva os jovens a participar dos cursos”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Apoia, sim, com certeza”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sim, com a implantação, houve a criação de emprego para os moradores de Novo Paraíso e entorno, além de ser a melhor alternativa para cursar o ensino médio, pois é equiparado ao conteúdos usados nos vestibulares da Uerr”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Apoiam de maneira positiva”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Apoiou muito”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Apoiam a existência”.

13. Você deu sequência a seus estudos ou parou no curso técnico?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Dei sequência”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Sim, dei sequência aos meus estudos, e hoje sou formado em Ciências Biológicas”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Dei sequência com ensino superior”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “No momento, não, pois agora estou apenas trabalhando na área”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Parei no técnico, porque, assim que terminei, já consegui trabalho”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Parei no curso técnico devido à ausência de cursos superiores em meu município”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Busquei formação”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Tive que trancar o curso superior para assumir o concurso público. Agora em 2018, irei retornar, pois encerra o período probatório e poderei me dedicar novamente aos estudos”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Não parei no curso técnico; pretendo dar sequência em 2019”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Parei, pois, assim que conclui, entrei em seletivo e, em seguida, prestei concurso público, impossibilitando dar seguimento, porém hoje estou cursando graduação”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Não estou estudando agora, após adquirir a estabilidade”.

14. Em que atividade você trabalha atualmente?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Agropecuária e educação”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Estou iniciando o curso de Mestrado em Ciências Biológicas”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 - R: “trabalho como técnico da defesa agropecuária do estado de Roraima - ADER”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Atualmente estou trabalhando como chefe de equipe na empresa Brasil Biofuels”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Sou representante técnico em uma empresa projetista na cidade de Mucajaí-RR”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “Trabalho Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima (Aderr)”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Fiscalização na agropecuária”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sou técnica de fiscalização agropecuária efetiva na Aderr (Agência de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima)”.

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Sou técnico em fiscalização agropecuária na ADER/servidor efetivo”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sou técnico em fiscalização agropecuária na Aderr”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sou técnico em fiscalização agropecuária na Aderr/ servidor efetivo”.

15. Você observa que as famílias dos jovens que já se formaram no Campus Novo Paraíso e a população de modo geral sentem que os arranjos produtivos locais melhoraram com a formação dos jovens e ate adultos no ramo da agropecuária, segmento esse de atividade predominante na região?

Entrevista 01: em 16/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 02: em 16/01/2018 – R: “Sim, pois permitiu que muitos formandos desenvolvessem suas propriedades e muitos conseguiram trabalhos na área de assistência técnica”.

Entrevista 03: em 15/01/2018 – R: “Os arranjos produtivos melhoraram e ainda melhoram muito a realidade no que se refere à grande conquista para a região”.

Entrevista 04: em 15/01/2018 – R: “Sim melhorou e muito, pois muitos deles estão trabalhando nas áreas de agronomia, na Aderr, entre outras, na mesma região”.

Entrevista 05 em 20/01/2018 – R: “Nem tanto, porque alguns dos formandos nem atuam e nem trabalham no ramo. O curso foi só uma distração, porque não tinham o que fazer. Nos dias de hoje, eles trabalham em outras profissões. Até mesmo porque tem alguns produtores, pais de formandos, que não aceitam opinião de ninguém. Eles dizem que seu aprendizado vem de longo tempo”.

Entrevista 06 em 20/01/2018 – R: “ Sim, com certeza a formação de jovens e adultos da região contribuiu para o desenvolvimento através de técnicas adquiridas ao concluir o curso de Agropecuária”.

Entrevista 07 em 17/01/2018 – R: “Sim”.

Entrevista 08: em 10/02/2018 – R: “Sim, pois a maioria trabalhava através de conhecimentos empíricos e teóricos. Hoje o conhecimento é prático, possibilitando menor desperdício (recursos e tempo, etc.)”

Entrevista 09: em 10/03/2018 – R: “Sim, gerou renda nas propriedades, pois com conhecimentos se produz com qualidade, além de hoje os jovens trabalharem nas empresas sem precisar de mão de obra externa”.

Entrevista 10: em 21/03/2018 – R: “Sim, através da implantação de lavouras e empresas como os plantios de dendê, trouxeram empregos a alunos formados pelo IFRR, melhorando a renda das famílias”.

Entrevista 11: em 15/03/2018 – R: “Sim, principalmente com a instalação de áreas produtivas como a Palma Plan e empresas projetistas”.